



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MARCELLE FÉLIX DE SOUZA LISBOA COSTA

**A GRANDE GUERRA E A MEMÓRIA DO COMBATENTE ITALIANO:
UMA REFLEXÃO A PARTIR DO EPISTOLÁRIO DE AMERICO
ORLANDO (1915-1917)**

Brasília

2015

MARCELLE FÉLIX DE SOUZA LISBOA COSTA

**A GRANDE GUERRA E A MEMÓRIA DO COMBATENTE ITALIANO:
UMA REFLEXÃO A PARTIR DO EPISTOLÁRIO DE AMERICO
ORLANDO (1915-1917)**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para obtenção do grau de licenciada em História, sob a orientação do professor Doutor Thiago Tremonte de Lemos.

Brasília

2015

À mia cara mamma, Mary Cecília.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, cuja fé me ajudou em momentos de dúvida.

Agradeço à minha *mamma*, Mary Cecília, que, mais do que mãe, é também minha amiga, minha fortaleza e minha fonte de inspiração. Você e seu apoio foram essenciais para a realização deste trabalho, assim como tudo em minha vida. Sem você, nada seria.

Agradeço ao meu pai, Marcondes, aos meus tios, Marides e Marcos Antônio, pelo apoio ao longo desses anos, me estimulando a nunca desistir.

Agradeço aos meus amigos Julia, Pedro, Tatiane e Yasmin pelos longos anos de amizade e companheirismo. À Nathan, em especial, pela paciência em ler este trabalho, dar sua opinião e sempre me incentivar a seguir em frente na vida.

Agradeço aos meus amigos da Universidade de Brasília, Andressa, Caio, Carolina, Fabrício, Fernanda, Lorrán, Lourenço, Marciano, Matheus e Raísa, por termos caminhado juntos em busca de um futuro melhor e pelos dias de luta e diversão que vivenciamos na faculdade.

Agradeço ao professor e meu querido orientador, Thiago Tremonte de Lemos, pela paciência e dedicação em me auxiliar a elaborar este trabalho, desde a indicação do tema até os últimos detalhes. Você é o melhor orientador que poderia ter escolhido.

Agradeço à Mirian Silva Rossi, pela boa disposição em me ajudar e pelas informações prestadas, mesmo estando bastante atarefada.

Ringrazio anche alla mia amica Simona Basso e al Dottore Fabio Caffarena per tutta la attenzione che mi hanno dedicato, anche con la distanza. Questa ricerca non sarebbe stata possibile da fare se non per voi. Grazie di tutto.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação. Muito obrigada.

“<O orc morto segura uma carta que jamais foi enviada.>

Mamãe, decidi largar o exército da Horda de Ferro.

A comida daqui não dá pra nada e eu tenho saudade do seu tempero.

Te amo.

Seu filhote.”

(Desertor Devoto Vil em World of Warcraft)

RESUMO

Durante a Grande Guerra, um incontável número de cartas e cartões postais foi trocado entre pessoas do mundo todo, combatentes e civis, homens e mulheres, burgueses e camponeses. No Reino da Itália, mais de 4 bilhões de correspondências foram comutadas. Assim, este trabalho tem como objetivo discutir as percepções do conflito por homens comuns, como Americo Orlando, através de seu epistolário parcialmente compilado no livro *Mia cara mamma: Lettere dal fronte*. São enfatizados aqui o relacionamento entre mãe e filho na sociedade italiana à época, a construção da identidade nacional, além de uma breve discussão historiográfica sobre outros pontos de vista desta temática. Para tanto, utilizou-se a metodologia de pesquisa historiográfica, confrontando as cartas com a produção sobre o assunto, como os trabalhos de Antonio Gibelli, Marco Mondini, Marina D'Amelia e Vanda Wilcox.

Palavras-chaves: História contemporânea. História social. Grande Guerra. História da Itália. Combatentes italianos. Memória.

ABSTRACT

During the Great War, a lot of letters and postcards were exchanged between people of the whole world, combatants and civilians, men and women, bourgeois and peasants. At the Kingdom of Italy, more than 4 billion of correspondences were commuted. Thus, this work has as objective to discuss the perceptions of the conflict by common men, like Americo Orlando, through his epistolary compiled in the book *Mia cara mamma: Lettere dal fronte*. It is emphasized here the relationship between mother and son in the Italian's society at that time, the construction of the Italian's national identity, besides of a brief historiographical discussion about others points of view of this theme. Therefore, it was used as method the historiographical research, confronting the letters with the writes about the subject, such as Antonio Gibelli, Marco Mondini, Marina D'Amelia and Vanda Wilcox's works.

Keywords: Contemporary history. Social history. Great War. History of Italy. Italian combatants. Memories.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	9
INTRODUÇÃO	10
1 A GRANDE GUERRA	12
1.1 Os antecedentes da Grande Guerra na Península Itálica: <i>Il Risorgimento</i>	14
1.2 A Grande Guerra e o Reino da Itália	17
1.2.1 <i>O pacto com a Tríplice Aliança</i>	18
1.2.2 <i>A entrada do Reino da Itália na Grande Guerra</i>	19
1.2.3 <i>A campanha italiana no fronte isontino</i>	20
1.2.4 <i>O fim da Grande Guerra e as consequências para o Reino da Itália</i>	26
1.3. A participação do Brasil na Grande Guerra	27
2 A MEMÓRIA DO COMBATENTE ITALIANO NA GRANDE GUERRA	29
2.1 As cartas dos combatentes italianos na Grande Guerra	30
2.2 O epistolário de Americo Orlando	37
2.2.1 <i>Quem foi Americo Orlando?</i>	37
2.2.2 <i>Análise do epistolário: Le due madri</i>	40
2.2.2.1 <i>La madre vera: Os destinatários das cartas</i>	40
2.2.2.2 <i>La madre Italia: O nacionalismo</i>	47
3 DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
ANEXO A – DOCUMENTAÇÃO UTILIZADA NESTE TRABALHO	62
ANEXO B – ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA FINAL DE CURSO DE GRADUAÇÃO	73

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização do Rio Isonzo.....	21
Figura 2 - Mapa das 11 Batalhas de Isonzo (1915-1917).....	23
Figura 3 - Mapa da Batalha de Caporetto (1917).....	24
Figura 4 - Mapa das 3 Batalhas do Piave (1918).....	25
Figura 5 - Mapa da Batalha de Vittorio Veneto (1918).....	26

INTRODUÇÃO

A Primeira Guerra Mundial, também conhecida como Grande Guerra, ocorreu de 28 de julho de 1914 a 18 de outubro de 1918, como consequência, não só do assassinato de Francisco Ferdinando na Sérvia, mas principalmente por diversas ações tomadas por vários países europeus. No caso do Reino da Itália, a entrada no conflito ocorreu somente em 23 de maio de 1915, quando declarou guerra ao Império Austro-Húngaro e, assim, defendeu suas fronteiras e lutou para conquistar os territórios ocupados por populações de maioria italiana que estavam sob o domínio inimigo com o estabelecimento dos fronts isontino e alpino nestes limites territoriais.

De uma forma geral, os combatentes lutavam em locais geralmente não conhecidos anteriormente por eles, distantes de casa; por isso, para se comunicar com sua família, seus amigos e seus amores, não restou outra alternativa a não ser lhes escrever e endereçar cartas e cartões postais. O mesmo aconteceu no Reino da Itália, ainda que em proporções menores e de modo mais atrasado do que o resto da Europa. As cartas dos combatentes italianos na Grande Guerra, deste modo, tornar-se-iam uma importante fonte a ser pesquisada sobre este período, mostrando as diferentes visões que cada um possuía sobre este evento.

Milhões de italianos e seus descendentes foram chamados à guerra; dentre eles, o ítalo-brasileiro Americo Orlando, que abandonou sua vida em São Paulo e, principalmente, sua mãe para defender o território italiano no front isontino. Ele legou um grande epistolário, onde parte dele consta no livro *Mia cara mamma: Lettere dal fronte*.

A principal finalidade deste trabalho é discutir algumas das percepções da Grande Guerra dos combatentes do *front* italiano a partir da correspondência de Americo Orlando. Os objetivos são discorrer brevemente sobre o contexto da Grande Guerra, tratando principalmente na participação italiana neste evento; analisar a importância da escrita epistolar no Reino da Itália durante este período, perpassando pelas suas características, pelas dificuldades encontradas e como auxiliou a amenizar as taxas de analfabetismo nesta Nação; entender o fenômeno do *mammismo* e ponderar como a Primeira Guerra Mundial corroborou com a construção e/ou o fortalecimento da identidade nacional e do guerreiro ideal italianos.

Metodologicamente, este trabalho optou por analisar e cotejar a correspondência e as memórias dos combatentes e seus parentes com alguma produção historiográfica a

respeito do tema, utilizando principalmente os trabalhos de Antonio Gibelli, Marco Mondini, Marina D'Amelia e Vanda Wilcox.

A Grande Guerra, analisada a partir dos documentos produzidos por um combatente italiano que esteve lutando diretamente nas trincheiras e convivendo diariamente com a realidade da guerra, merece ser estudada atualmente, pois, primeiramente, o ano em que estamos inseridos é marcadamente simbólico, devido ao fato de que há exatamente cem anos, a Itália entrava na, até então, maior guerra da história.

Ademais, a literatura de guerra italiana não é tão conhecida no Brasil quanto a alemã, por exemplo. Inclusive, muitas publicações que tinham como objetivo abarcar o tema supramencionado não traziam à tona o ponto de vista do soldado, muito pelo contrário: era até mal visto e considerado irrelevante (MONDINI, 2014, p. 312 e 313). Tudo isto relegou a pesquisa das missivas enviadas e recebidas dos combatentes a um segundo plano, que, conseqüentemente, levou anos para ser creditada no meio histórico-científico.

In fine, os estudos realizados por brasileiros sobre o assunto também são escassos, apesar do Brasil ter recebido uma das maiores levas de imigrantes italianos do mundo no final do século XIX, sendo muitos os seus descendentes sanguíneos e a influência de sua cultura em nosso país.

Para tanto, no primeiro capítulo, é apresentado o contexto geral da Grande Guerra, privilegiando a participação italiana neste evento, sua entrada, as principais batalhas no front isontino, as conseqüências para o Reino da Itália e, rapidamente, a participação do Brasil.

No segundo e principal capítulo será analisado o epistolário de Americo Orlando à luz de duas categorias: *la mamma vera* (o porquê da quantidade de cartas enviadas à Eleonora Scioli, sua mãe) e *la mamma Italia* (discussão sobre o nacionalismo italiano).

Finalmente, no último e breve capítulo, será realizado um pequeno debate historiográfico sobre outra perspectiva percebida pelos combatentes italianos e de que maneira ela corrobora na formação da identidade nacional italiana.

1 A GRANDE GUERRA

A Primeira Guerra Mundial foi um conflito que envolveu as grandes potências mundiais entre 28 de julho de 1914, com a invasão do Império Austro-Húngaro à Sérvia, até 11 de novembro de 1918, com a assinatura do Armistício de Compiègne pela Alemanha. É considerada tão importante que, além de resultar na mudança do mapa político da Europa e na reconfiguração do poder no mundo, alguns historiadores entendem que a Idade Contemporânea iniciou com a eclosão desta guerra. Neste cenário de mudanças, é bastante significativo tratar a interessante situação vivida pelo Reino da Itália em relação ao fato histórico em questão.

“[...] Na literatura histórica europeia, apenas a Primeira Guerra Mundial é alcunhada Grande Guerra [...]” (BERTONHA, 2011, p. 10). Isto porque as armas, devido ao avanço tecnológico, tiveram seu poder de letalidade aumentado e aniquilaram múltiplos inimigos com apenas um disparo; entretanto, não houve melhoras proporcionais às defesas, o que culminou com a morte de milhões de combatentes.

Também ganha proporções épicas pela quantidade de Estados envolvidos: mais de trinta nações participaram de alguma maneira, neste conflito, trespassando as fronteiras do continente europeu e alcançando as dos demais. Ao final, “a I Guerra destruiu velhos impérios e deu vida a novos Estados” (TAYLOR, 1979, p. 39).

É importante ressaltar também a rede de alianças, formada inicialmente por países europeus e seus territórios. Este sistema não foi criado nos primórdios do século XX, sendo utilizado em outros momentos no cenário histórico da Europa, como na Guerra Revolucionária Francesa (1792). A diferença reside no fato de que, em um primeiro momento, as alianças eram formadas quando o conflito era iminente. Já as coligações firmadas na Europa no final do século XIX e início do XX, que constituíram os dois polos que demarcavam os “lados” da guerra¹, não foram estabelecidas no momento supramencionado, e sim em épocas de paz, à espera de um conflito bélico (BLAINEY, 2014, p. 204).

Incrível é pensar que o acionamento de tal rede e, conseqüentemente, o início do conflito tiveram como estopim o assassinato de Francisco Ferdinando, arquiduque da Áustria e herdeiro do Império Austro-Húngaro, e de sua esposa, Sofia, duquesa de Hohenberg, em 28

¹ Os blocos militares (ou alianças militares) opostos que se rivalizaram durante a Primeira Guerra Mundial foram a Tríplice Aliança, formada pelo Império Alemão, Império Austro-Húngaro e, em um primeiro momento, Reino da Itália, e a Tríplice Entente, que contava com a França, Império Russo e Grã-Bretanha.

de julho de 1914, na cidade de Sarajevo, capital da Bósnia, pelo estudante sérvio e integrante da organização terrorista “Mão Negra” Gavrilo Princip.

Não é tarefa fácil explicar os fatos e as motivações que culminaram com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Inclusive, pondera o historiador britânico Alan John Percival Taylor, citado por Fortunato Pastore (2002, v. 1, p. 41), que é até mesmo inútil, “[...] pelo menos em alguns momentos, [...] buscar a origem dos fatos em vez de entender o que eles realmente significam e, por fim, o que representam”: o próprio assassinato do arquiduque austríaco, por si só, não seria fato motivador da Primeira Guerra Mundial.

Naquele momento, estava disseminada a crença (principalmente no âmbito militar) de que a guerra seria de curta duração, pouco dispendiosa e iminente, não havendo razões para o seu adiamento (BERTONHA, 2011, p. 31 e 33-35). Apesar desta previsão, não era esperada, em nenhum momento, que ela fosse generalizada, pois os embates eram geralmente localizados (HOBSBAWM, 1988, p. 419-420).

O cenário da Grande Guerra, por sua vez, desenhava-se desde o início do século XIX. Após a derrota de Napoleão Bonaparte em 1815, a França cedeu espaço para que a Inglaterra emergisse como a principal potência, que, apesar de possuir grande força naval, não possuía interesse em dominar a Europa, pois era “[...] a tendência dos Estados europeus desde o fim da Idade Média [...] não permitir que um país, isoladamente, controlasse todo o continente [...]. *[Para eles]*, preservar a própria independência era [...] uma prioridade” (BERTONHA, 2011, p. 19).

À medida que a Revolução Industrial se propagava, outras nações ameaçavam a supremacia britânica, como o Império Alemão, que foi fundado em 1871, além de estar localizado na Europa central. Portanto, a competição na busca de novos territórios, que favoreceriam o comércio, forneceriam matérias-primas para a potência e estimularia o consumo de produtos fabricados nas metrópoles, intensificou-se; entretanto, “quase todo o mundo não europeu já estava colonizado ou semicolonizado, *[assim]* aumentos de território colonial só podiam ser obtidos pela diminuição do território vizinho” (BERTONHA, 2011, p. 23-24). Concomitantemente, o nacionalismo, em níveis cada vez mais exaltados, tomava conta da política de diversos países.

Nesse momento de tensão, ocorre o assassinato de Francisco Ferdinando e sua esposa: a recém-independente Sérvia tinha como plano anexar os territórios eslavos para formar a Grande Sérvia, sendo que alguns deles estavam nas fronteiras austro-húngaras e turcas. Os austro-húngaros, por sua vez, acreditavam que “[...] eliminar a Sérvia era quase um pré-requisito para salvar o Império” (BERTONHA, 2011, p. 31-32). O que

possivelmente levou ao conflito armado foi a decisão austríaca de retardar a resolução de seus problemas com a Sérvia devido aos “cronogramas de mobilização, [à] dissensão política, [ao] progresso do inquérito policial em Sarajevo, [à] necessidade de obter o apoio alemão” (CLARK, 2014, p. 429). Este apoio só ocorreu efetivamente com a aplicação prática do Plano Schlieffen² após a mobilização do Império Russo em defesa do território sérvio. O Império Austro-Húngaro declarou guerra à Sérvia em 28 de julho de 1914, enquanto a Alemanha, à Rússia em 1º de agosto do mesmo ano.

A partir disto, a rede de alianças entrou em ação. Conforme Geoffrey:

“Tudo começou em 28 de julho de 1914, simplesmente como um combate entre Áustria e Sérvia. A Rússia, percebendo que a Sérvia seria derrotada, mobilizou seus exércitos, para ajudar. No primeiro dia de agosto, a Alemanha, acreditando que a Áustria seria derrotada pela aliança de russos e sérvios, declarou guerra à Rússia. Em 3 de agosto, a Alemanha, sabendo que os franceses se aliariam aos russos, declarou guerra à França. Assim, em um período de seis dias, o conflito reuniu Rússia, França e Sérvia de um lado, Áustria e Alemanha do outro [...]” (BLAINEY, 2014, p. 203).

Paulatinamente, outras nações entraram no conflito, filiando-se a uma ou outra aliança, como a Bulgária, que se aliou à Tríplice Aliança, e os EUA e a Itália (que possui um interessante posicionamento dentro do sistema de alianças), que lutaram ao lado da Tríplice Entente.

Vê-se, assim, que “[...] essa abundância de explicações sugere que nenhuma delas é, sozinha, a explicação certa. A I Guerra foi travada por todas essas razões – e por nenhuma delas” (TAYLOR, 1979, p. 39). As causas da Primeira Guerra Mundial são mais profundas e divergentes entre os historiadores até os dias de hoje; portanto, reitera-se que determinar sua origem levando em consideração um motivo específico não é simples, pois as ações tomadas por um país influenciavam o outro, principalmente na Europa central.

1.1 Os antecedentes da Grande Guerra na Península Itálica: *Il Risorgimento*

Alguns anos antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial, a Península Itálica era composta por diversos Reinos, Ducados e Grão-Ducados, além do Estado Pontifício, cada um

² Em caso de conflito militar, o Plano Schlieffen previa que o ataque alemão ocorresse concomitantemente em duas frentes: uma ocidental, contra a França, e outra oriental, contra a Rússia, visando uma vitória rápida e decisiva enquanto as mobilizações inimigas ainda estivessem em seus estágios iniciais. Apesar de ter contido as forças russas, não obteve vitórias decisivas rapidamente, estendendo a participação alemã até 1918.

com sua própria delimitação territorial e soberania. Este quadro mudou com o movimento político, literário e cultural denominado *Risorgimento*.

A República Italiana (1802-1805) não se viu livre da influência de Napoleão Bonaparte: a Península Itálica foi por ele dividida em Reino da Etrúria, Reino da Itália e Reino de Nápoles. Com a derrota definitiva de Napoleão, estes territórios foram novamente subjugados e divididos em Reino da Sardenha, Reino de Nápoles, Reino da Sicília (sendo estes dois últimos unificados posteriormente sob o Reino das Duas Sicílias), Reino Lombardo-Vêneto, Ducado de Parma e Placência, Ducado de Modena e Régio, Ducado de Massa e Carrara, Ducado de Luca, Grão-Ducado da Toscana, Principado de Mônaco, República do Cantonin Ticino (pertencente à Suíça), República de San Marino e Estado Pontifício (cujas autoridades maiores eram a Igreja Católica). Muitos destes territórios ficaram sob o domínio austríaco.

Apesar desta divisão, os ideais nacionalistas continuavam a se propagar. Aqueles indivíduos estavam separados pelas fronteiras, mas unidos pelo idioma italiano, pela cultura similar, pelas raízes históricas, entre outros; apesar disto, as potências europeias “[...] não podiam permitir o surgimento de um Estado italiano unitário, seja no tocante à posição de poder político (na Itália) e cultural (na Europa) do Papado [...], apoiando-se num grande Estado territorial e num Exército correspondente [...]” (GRAMSCI, 2002, p. 19).

As revoltas iniciaram em 1820, no Reino de Nápoles, que paulatinamente se espalhou para o Reino das Duas Sicílias, o Reino da Sardenha, o Ducado de Modena e Régio, o Ducado de Parma e Placência e até para o Estado Pontifício, exigindo a promulgação de uma Constituição; entretanto, todos eles foram duramente reprimidos pelas tropas austríacas, cujo Império ainda era aliado à Santa Aliança³. Este período inicial contava com pouco apoio do povo e da burguesia (GRAMSCI, 2002, p. 87-98).

Entre 1848 a 1866, houve três guerras de Independência italiana. A primeira delas se sucedeu com Revolução de 1848, que intensificou o movimento pela unificação. Havia vários grupos que defendiam a unidade nacional italiana. Os três principais eram os

³ A Santa Aliança foi uma coalizão constituída pelo Império Austríaco, Império Russo e Reino da Prússia em 26 de setembro de 1815 como consequência da derrota definitiva de Napoleão Bonaparte. Perdurou até aproximadamente 1823.

neoguelfistas, os monarquistas e os republicanos⁴.

A insurreição começou a eclodir aos poucos, logrando êxito em promulgar Constituição em diversos Estados e, ainda, destronar os governantes em alguns deles. Foram igualmente reprimidas pelas tropas austríacas e francesas, pois, além do desentendimento entre os próprios nacionalistas, houve o apoio de forças externas (a França e a Áustria eram partes interessadas em restabelecer as monarquistas absolutistas e o poder papal). Com exceção do Reino da Sardenha, que manteve sua constituição liberal e era um dos poucos territórios fora da influência austríaca, todos os outros territórios retornaram ao regime monárquico absolutista. Assim, abriu-se caminho para que a unificação italiana fosse concretizada sob a liderança deste Reino.

A segunda guerra ocorreu em 1859, quando a Áustria invadiu o Piemonte, parte do Reino da Sardenha. Este, por sua vez, aliou-se à França e derrotou os austríacos, destronando os governantes austríacos em muitos territórios italianos. Não foram expulsos totalmente, pois os franceses estavam temerosos da evolução do conflito para uma revolução e da possibilidade de intervenção da Prússia; assim, assinaram um armistício em Villafranca, onde a Lombardia foi cedida para o território francês (que foi devolvida para o Reino da Sardenha), o controle austríaco foi estabelecido sobre o Vêneto e retornou os soberanos destronados aos Estados italianos centrais. Esta última questão foi negociada com a França, que, em troca de Nice e Saboia, permitiu a anexação da Emília, Romanha e Toscana em 1860. Era o embrião do futuro Reino da Itália (1861-1946).

Em 1860, a insurreição na Sicília contou com a intervenção de Giuseppe Garibaldi e seu exército. Em pouco tempo, alcançaram Palermo e, com o auxílio do rei Vittorio Emanuele II, da dinastia Saboia, ele assumiu o poder de Nápoles. Vale destacar que Garibaldi era opositor da política real, mas, reconheceu sua autoridade e lhe cedeu o Reino das Duas Sicílias. Nas palavras de Taylor (1979, p. 308): “Garibaldi aproximou-se do rei e disse: ‘Viva o Rei da Itália’. Naquele momento nasceu a Itália.” Vitor Emanuel II foi proclamado rei da Itália em 17 de março de 1861 e a Nação italiana foi reconhecida pela comunidade internacional (com exceção da Áustria).

⁴ Os neoguelfistas, cujo principal líder é Vincenzo Gioberti, defendiam a unificação italiana por meio da confederação dos Estados italianos, cada qual governado por seu próprio príncipe, sob a proeminente regência do Papa. Já o grupo dos monarquistas liberais, defendido por Camilo Benso, o Conde de Cavour, alegava que a unidade política italiana deveria ocorrer sob a Casa de Saboia, representada pelo rei da Sardenha Vittorio Emanuele II, mantendo-se o regime monárquico e acrescentando as características liberais deste Reino, como, por exemplo, a adoção do parlamentarismo e promulgação de uma Constituição. Por fim, a proposta dos republicanos, tais como Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi, era derrubar as dinastias e, conseqüentemente, as monarquias que dominavam os Estados da Península Itálica e proclamar a união dos Estados italianos em uma única República, democrática e liberal.

A terceira guerra de independência italiana começou em 1866, quando o Reino da Prússia, contando com o apoio italiano, entrou em guerra com a Áustria. Apesar de baixas e derrotas italianas, a Prússia saiu vitoriosa e o Vêneto foi renunciado pelos austríacos em favor do Reino da Itália, sendo a ele anexado com a assinatura da Paz de Viena (1868).

Faltava Roma, que era essencial à constituição do Reino da Itália devido à sua importância histórica e estava ocupada pelo exército francês, que foi derrotado e obrigado a se retirar com Guerra Franco-Prussiana (1870-1871). Roma invadida e ocupada pelas tropas de Vitor Emanuel II em 20 de setembro de 1870 e transformada em capital do Reino, completando-se o processo da unificação italiana.

É interessante ressaltar que a Primeira Guerra Mundial pode também ser conhecida na historiografia italiana como a “Quarta Guerra de Independência” (GIUSEPPE, 2007, p. 61). Isto porque, para alguns, o *Risorgimento* não se findou em 1870, com a tomada da cidade de Roma: ainda existiam regiões que eram essenciais para que o Estado nacional italiano se constituísse plenamente, pois estavam ligadas aos costumes e ao idioma autóctone, mas encontravam-se sob a égide estrangeira. Eram conhecidas como “regiões/províncias/terras irredentas” e, entre as principais reivindicações irredentistas, estavam as regiões que são conhecidas atualmente por Trentino Alto-Ágide e Friuli-Veneza Giulia.

1.2 A Grande Guerra e o Reino da Itália

O Reino da Itália teve uma participação intrigante neste conflito, contribuindo inclusive para as consequências finais da guerra, a destarte de sua atuação “[...] ativa e flexível, o que reflete claramente a própria fraqueza [...] e seu esforço em compensar isso se equilibrando entre as demais potências europeias” (BERTONHA, 2011, p. 60).

Vale ressaltar que “a Grande Guerra foi a primeira grande experiência coletiva dos italianos: combatentes e civis, homens e mulheres, adultos e crianças, operários e camponeses, habitantes do Norte e do Sul, dos centros e das periferias”⁵ (GIBELLI, 2014, p. 3, tradução nossa).

⁵ “La Grande Guerra fu la prima grande esperienza collettiva degli italiani: combattenti e civili, uomini e donne, adulti e bambini, operai e contadini, abitanti del Nord e del Sud, dei centri e delle periferie”.

1.2.1 O pacto com a Tríplice Aliança

Neste clima de tensão e instabilidade na Europa, causado, entre outros fatores, pela intensa disputa colonial, o Reino da Itália se viu cada vez mais para trás, pois, apesar de precisar de territórios devido ao excesso populacional, não conquistou colônias em períodos anteriores e sua unificação ocorreu em período tardio para que obtivesse poder sobre quaisquer territórios de forma pacífica.

Ainda assim, houve uma tentativa de se estabelecer colônias. Foram escolhidas as atuais Tunísia e Líbia para cumprir este objetivo, devido à proximidade com o Reino de Itália (eram separados apenas pelo Mar Mediterrâneo).

A Tunísia estava também ocupada pela França. A questão foi oficialmente decidida com a assinatura do Tratado de Bardo, no dia 12 de maio de 1881, firmada entre os representantes da França e da Tunísia otomana, que determinou que aquele país obtivesse o protetorado sobre este último. Esta situação não agradou em nada o Reino da Itália, cujos interesses iam de encontro aos dos franceses, além de sentir-se ameaçado pela presença propínqua da França, que sobrepujou a acentuada rivalidade italiana com o Império Austro-Húngaro.

O Reino da Itália, neste momento, encontrava-se isolado das outras potências em relação à formação de alianças. Perante a sua delicada situação com a França, a nação italiana tentou unir suas forças com o Império Alemão, que, por sua vez, já fazia parte de uma aliança com o Império Austro-Húngaro desde 1879 por meio do Tratado da Dupla Aliança.

O problema em se assinar um tratado com os Estados supramencionados consistia em se aliar com a Áustria-Hungria, já que “[...] era claramente instrumental e cheia de contradições, dado o interesse de Roma em absorver as áreas de língua italiana (Trento e Trieste) ainda em mãos austríacas” (BERTONHA, 2008, p. 162). De fato, apesar das relações ítalo-austríacas serem complicadas, isto não ensejou motivo suficiente para que não se cogitasse uma aliança, visto que “a Itália, pobre, precisava enriquecer; de finanças arruinadas, precisava restaurá-las; militarmente fraca, precisava fortalecer-se no mar e em terra” (MESQUITA, 2002, p. 213).

Diante do exposto, é acordado, no dia 20 de maio de 1882, o primeiro Tratado da Tríplice Aliança, onde é disposto, entre outros, que os países signatários mantivessem a paz entre si e que não se aliassem a quaisquer outros, além de que, no caso de um ataque francês ao Reino de Itália ou ao Império Alemão, os outros deveriam rechaçá-lo com todas as forças necessárias e, se uma potência ameaçar a segurança nacional de um dos países contraentes e

este iniciar uma guerra, é facultado às outras a participação no conflito. Percebe-se, assim, que este Tratado era de cunho extremamente defensivo. Isto seria importante em 1914, quando ocorrem as primeiras declarações de guerra, culminando com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Este Tratado foi renovado cinco vezes, nos anos de 1887, 1891, 1902 e 1912, não havendo quaisquer modificações drásticas em seu conteúdo.

1.2.2 A entrada do Reino da Itália na Grande Guerra

Com a eclosão da guerra, em um primeiro momento, o Reino da Itália determinou sua neutralidade. O resguardo legal encontrado para tanto está na interpretação literal do Tratado da Tríplice Aliança: este seria de cunho exclusivamente defensivo, enquanto a ação realizada pelo Império Austro-Húngaro não seria de defesa contra ameaça exterior, e sim de provocação ofensiva a outra nação. Portanto, estaria desobrigado a fornecer quaisquer auxílios militares para tanto.

O Reino da Itália tinha conhecimento do interesse do Império Austro-Húngaro na região dos Balcãs. Inclusive, cumprindo com os termos firmados no Tratado da Tríplice Aliança acerca da obrigação de informar, reciprocamente, sobre as respectivas iniciativas diplomáticas, o Reino da Itália posicionou-se contrariamente às ações militares da Áustria na Albânia e na Sérvia em 1913 durante a primeira guerra balcânica (CROCE, 1973, p. 271).

A declaração de guerra que marcou o início da Primeira Guerra Mundial, desta maneira, foi planejada pelo Império Austro-Húngaro e apoiada e posteriormente pelo Império Alemão, sem levar em consideração a apreciação deste ultimato pelo Reino da Itália. Não tanto por subestimá-la, mas sim pelo fato de que esperavam uma reação negativa pelo Governo italiano (CROCE, 1973, p. 271).

Como consequência da falta de negociação entre eles, caso a Itália apoiasse a pretensão austro-húngara, provavelmente não haveria uma compensação territorial para ela se a Tríplice Aliança saísse vitoriosa do conflito. Iniciou-se, então, uma série de negociações com as nações beligerantes, tanto da Tríplice Aliança como da Tríplice Entente, com o objetivo de discutir quais as vantagens – principalmente territoriais – que o Reino da Itália poderia adquirir com a entrada na guerra e o êxito no conflito. Isto resultou na concordância do Reino da Itália com os termos estabelecidos pela Tríplice Entente, exteriorizados no Tratado de Londres, firmado secretamente, em 26 de abril de 1915 com a França, a Grã-Bretanha e o Império Russo.

Em contrapartida à utilização de todos os meios e recursos necessários para evitar o avanço das nações inimigas junto aos aliados (artigo 2º), a Itália receberia, como compensação, copiosos territórios, inclusive aqueles há muito tempo por ela almeçados, como, por exemplo, Trento, Ístria, Tirol Cisalpino, Trieste e Dalmácia (artigos 4º a 6º).

O artigo 16 do Tratado de Londres dispunha que este instrumento deveria ser mantido em segredo até o momento em que o Reino da Itália declarasse guerra ou vice-versa. Isso não impossibilitou a sua saída da Tríplice Aliança, que foi comunicada ao Império Austro-Húngaro no dia 4 de maio do mesmo ano. Este mesmo artigo estabeleceu que a declaração de guerra deveria ocorrer no prazo máximo de um mês após a assinatura do Tratado, o que efetivamente ocorreu: no dia 23 de maio de 1915, o Reino da Itália, ao declarar guerra ao Império Austro-Húngaro, entrava oficialmente na Primeira Guerra Mundial, lutando ao lado da Tríplice Entente.

Esta mudança de posicionamento foi encarada pelo Império Austro-Húngaro como traição, mas, conforme Julio Mesquita escreveu em seu boletim denominado “A Itália”, publicado no dia 31 de maio de 1915 no jornal “O Estado de São Paulo”:

“Não há nações inocentes. Se para as nações se tivessem inventado, como para os indivíduos, céu, purgatório e inferno, para o céu certamente nenhuma iria. Todas são mais ou menos egoístas, e o egoísmo não produz santos. Não é santa a Itália. Também não é, porém, a nação pérfida contra a qual vociferam outrora os franceses e hoje se revoltam os austríacos e os alemães” (MESQUITA, 2002, p. 212).

1.2.3 A campanha italiana no fronte isontino

Com a guerra, o Reino da Itália tinha como objetivo anexar os territórios que estavam sob o domínio austríaco; para tanto, foram estabelecidos alguns fronts de guerra na fronteira que divide estas duas Nações (norte e nordeste italiano). Alguns deles lutaram às margens do rio Isonzo (também conhecido como Soča, em esloveno), cujas 11 batalhas ocorridas neste local (ou 12, se incluir neste rol a batalha de Caporetto, que ocorreu entre os dias 24 de outubro a 12 de novembro de 1918), apesar de ter provocado muitas baixas no exército italiano, contribuiu para a derrocada do exército austro-húngaro e para a dissolução de seu Império.

A importância do rio Isonzo no desenrolar da Primeira Guerra Mundial deriva da sua localização, que, apesar do curso do rio seguir por regiões montanhosas – resultando na dificuldade, em vários momentos, de uma ofensiva mais eficiente tanto pelo Reino da Itália

quanto pelo Império Austro-Húngaro –, dá acesso às planícies do Vêneto e, consequentemente, aos territórios de interesse italiano (como Caporetto, Gorizia, Tolmino e Trieste).

Figura 1 - Localização do Rio Isonzo



Fonte: BRENTA-BACCHIGLIONE, Autorità di bacino dei fiumi Isonzo, Tagliamento, Livenza, Piave e; ADIGE, Autorità di bacino del fiume. *Piane di gestione dei bacini idrografici delle Alpi*. Itália: 2010. p. 4.

As quatro primeiras batalhas do fronte isontino aconteceram ao longo do ano de 1915, mas, apesar da superioridade numérica da armada italiana⁶, esta se deparou com uma forte resistência do exército austro-húngaro e, conseqüentemente, não logrou êxito em adentrar sua defesa. Em comparação às grandes perdas militares sofridas por ambas as partes⁷, os objetivos alcançados foram insignificantes (BERTONHA, 2008, p. 164-165).

Em 1916, o Reino da Itália tomou a comuna de Gorizia na sexta batalha (27 de julho a 4 de agosto), em que os soldados atacaram de surpresa a frente austríaca, cujas forças estavam relativamente escassas, o que melhorou a autoestima do exército italiano; todavia, não conseguiram infiltrar mais adiante nesse front.

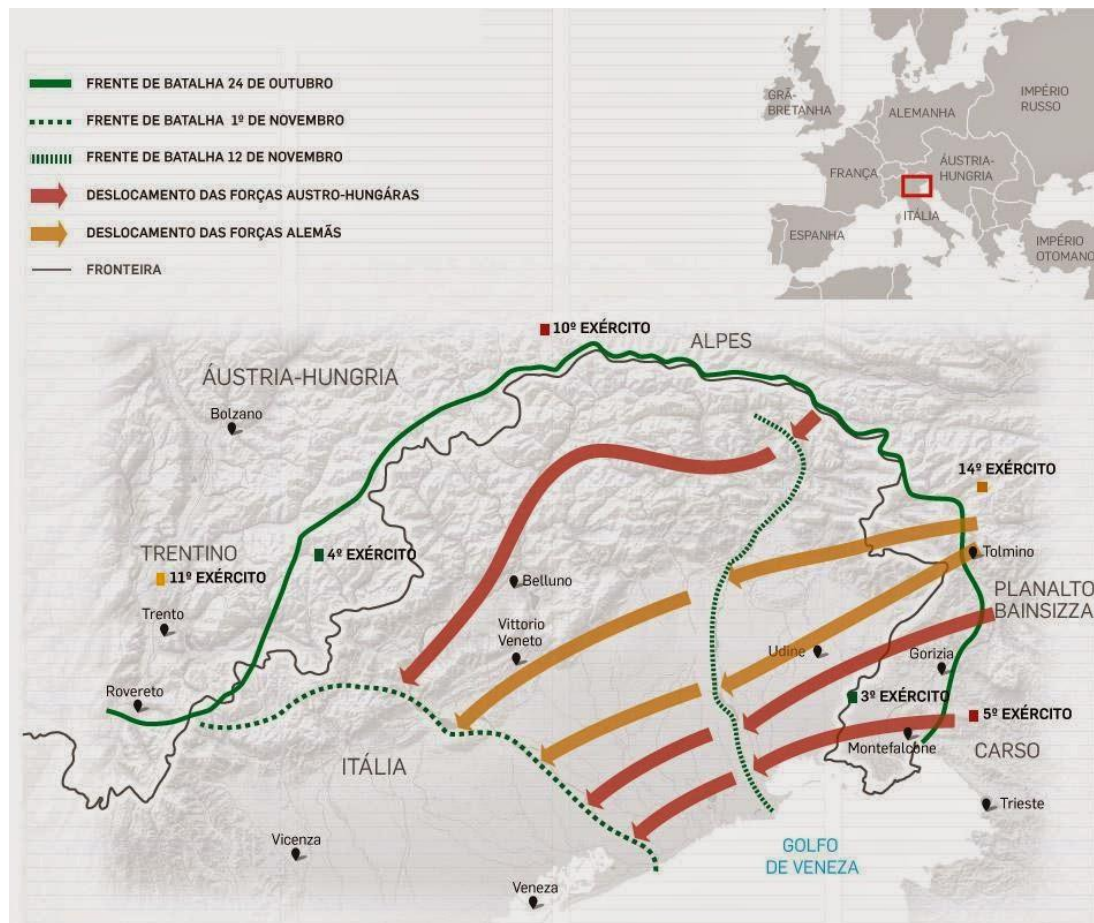
Os resultados significativos destas batalhas começaram a partir de 1917. A 10ª batalha (12 de maio - 7 de junho) tinha como objetivo alcançar Trieste. Após dias de bombardeio na frente austro-húngaro, o exército italiano conseguiu conquistar temporariamente Jamiano e parte do Carso (localizados em Venezia-Friuli Giulia), mas foram contra-atacados e novamente rechaçados; também conseguiram atravessar o rio Isonzo no norte de Gorizia e construíram rapidamente uma ponte, fortificando sua defesa. Já a 11ª batalha (17 de agosto - 15 de setembro) levou à conquista do planalto de Bainsizza, do Monte Santo e do Monte San Gabriele. Isto quase levou ao colapso das forças austro-húngaras, que não puderam contra-atacar; no entanto, os italianos também estavam enfraquecidos e, por sua vez, não conseguiram iniciar outra ofensiva (ISONZO, 2010).

⁶ Na Primeira Batalha de Isonzo, por exemplo, o Reino da Itália contava com 225.000 soldados, o Império Austro-Húngaro possuía somente 115.000 combatentes (PRIMEIRA BATALHA DE ISONZO, 2015).

⁷ A armada italiana sofreu uma baixa de 235.000 pessoas, entre mortos, feridos, doentes, prisioneiros e desaparecidos. As tropas austríacas, por sua vez, perderam 150.000 pessoas nestas mesmas condições (1915: IL PRIMO).

aliados, o que, conjuntamente aos erros cometidos pelo alto comando militar⁸, não pode conter o avanço austro-alemão e foram rechaçados até as margens do rio Tagliamento e, posteriormente, do rio Piave. Após a substituição do general Luigi Cardona por Armando Diaz e com a chegada da ajuda dos aliados, a unidade italiana conseguiu se recuperar velozmente e defender a posição.

Figura 3 - Mapa da Batalha de Caporetto (1917)



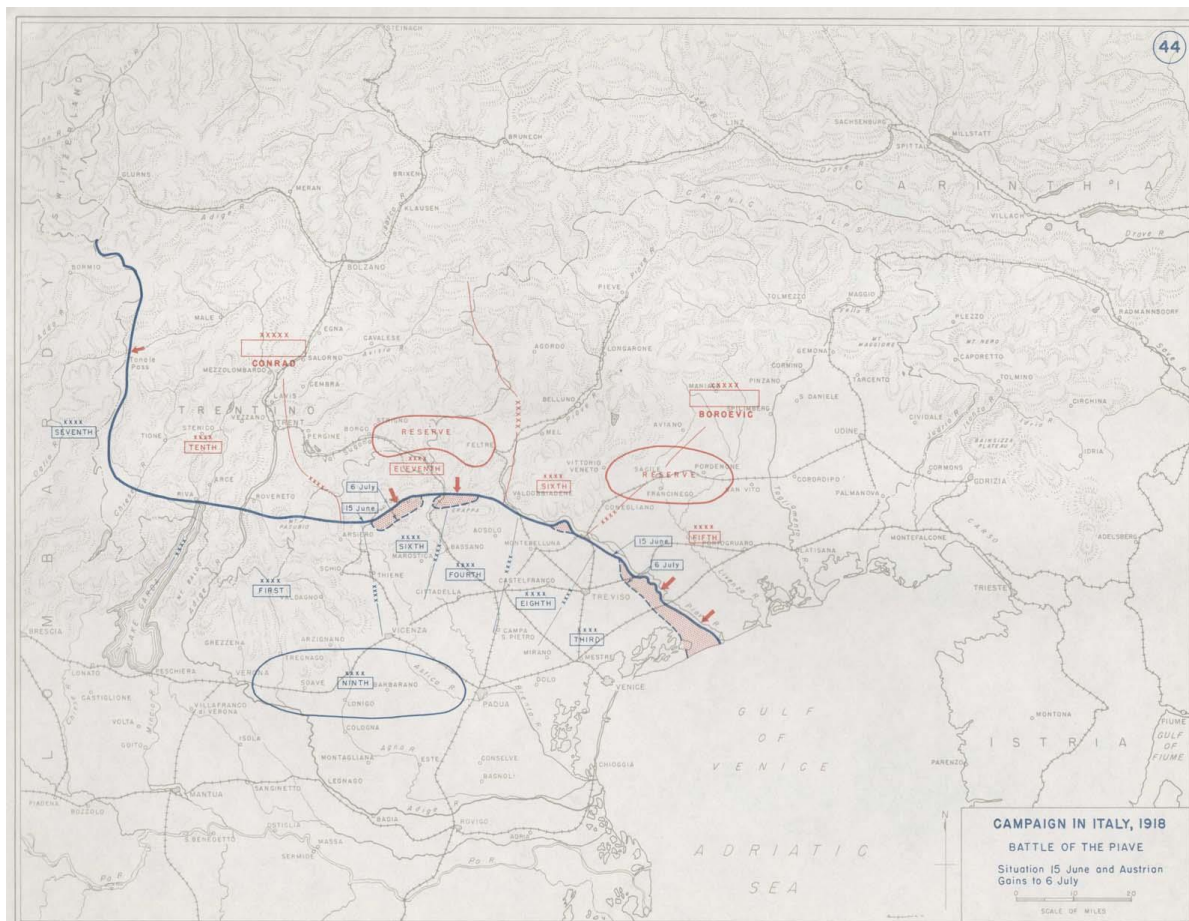
Fonte: GODOY, Marcelo. *Adeus às armas*. São Paulo: 2014. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/public/especiais/100-anos-da-primeira-guerra-mundial/>>.

Ocorreram três batalhas ao longo do rio Piave. Em síntese, as tropas austro-alemãs, apesar de avançarem rapidamente, distanciaram-se das linhas de suprimento e foram obrigados a parar e se reagrupar. Em contrapartida, com a ajuda dos aliados, o Exército italiano conseguiu resistir aos ataques inimigos, não tanto pela presença de mais tropas, e sim

⁸ Além do uso impróprio da artilharia, os comandantes italianos subestimaram o poderio das tropas austro-alemãs. Assim, vários erros contribuíram para a derrota das tropas do Reino da Itália, como a adoção de uma postura defensiva durante a guerra de posição; a execução de uma parcial e atrasada contraofensiva; a confusão nas tropas com a substituição temporária de comandantes; a falta de reservas para contra-atacar e a quantidade desproporcional de soldados nas tropas, que resultou praticamente na desproteção de alguns locais.

pelo auxílio britânico, estadunidense e francês com os materiais estratégicos, tais como carvão e ferro.

Figura 4 - Mapa das 3 Batalhas do Piave (1918)

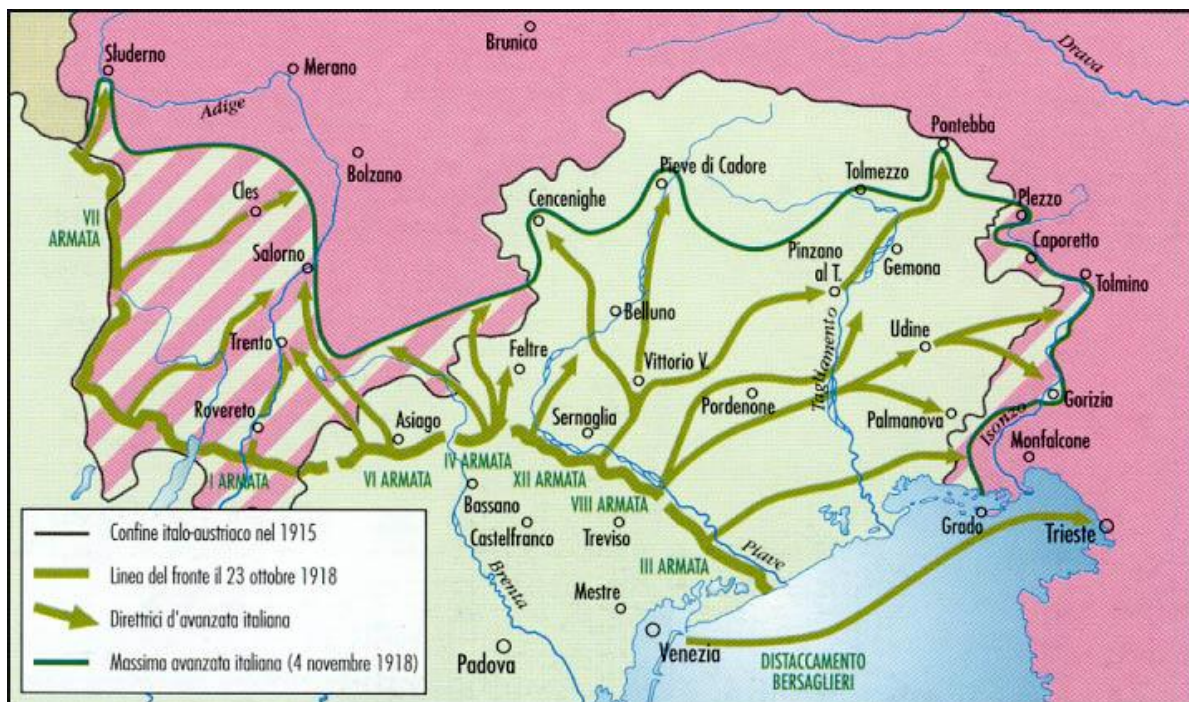


Fonte: <http://www.italiametaldetector.it/wp-content/uploads/2014/02/La-battaglia-del-Piave.jpg>.

O problema austro-húngaro começou quando o Império Alemão retirou suas forças deste lado do conflito para que pudessem ser utilizadas em outras ofensivas. Não faltava muito para que os Impérios Centrais subjugassem as forças italianas, mas, com os erros estratégicos cometidos por eles e com a superioridade numérica das tropas italianas⁹, o exército austro-húngaro entrou em colapso e foi finalmente derrotado, sendo este episódio conhecido como Batalha de Vittorio Veneto (24 de outubro - 4 de novembro de 1918) (BERTONHA, 2008, p. 165). Ainda assim, os italianos conseguiram alcançar e conquistaram Trento, Trieste e Udine.

⁹ A tropa italiana contava com 1.100.000 soldados na Batalha de Vittorio Veneto, enquanto a austríaca, 800.000 (CERVI; MONTANELLI, 1981, p. 276 e 278).

Figura 5 - Mapa da Batalha de Vittorio Veneto (1918)



Fonte: http://atistoria.ch/atist/Sottositi_atistoria/1GM/Immagini1GM/Vittorioveneto_1918.jpg

No dia 3 de novembro, requereram e foi assinado o Armistício de Villa Giusti, cessando oficialmente as hostilidades ítalo-austriacas.

1.2.4. O fim da Grande Guerra e as consequências para o Reino da Itália

Paulatinamente, as forças da Tríplice Aliança estavam se esgotando, principalmente a partir do momento que os Estados Unidos da América se posicionaram e lutaram ao lado da Tríplice Entente.

A primeira a requisitar o armistício foi a Bulgária (29 de setembro de 1918), seguida pelo Império Turco-Otomano (30 de outubro de 1918). Já o Império Austro-Húngaro se viu sem saída após a derrota na Batalha de Vittorio Veneto e assinou o armistício supramencionado.

Entretanto, a Primeira Guerra Mundial não havia chegado ao fim: o Império Alemão ainda tentava, com o que lhe restava de forças militares, virar os resultados a seu favor. Foi em vão. Com o avanço das tropas dos aliados e a cessação das hostilidades pelas Potências Centrais, a Alemanha finalmente declarou sua rendição no dia 11 de novembro de 1918, culminando no Armistício de Compiègne.

Estava findada, depois de 4 anos, 3 meses e 21 dias, à custa de sacrifícios de ambos os lados, a Primeira Guerra Mundial, caracterizada pelo escritor britânico Herbert George Wells e disseminada por meio do discurso proferido pelo presidente dos EUA à época Woodrow Wilson como “a guerra para acabar com todas as guerras” e que mudaria os rumos da história mundial.

Para formalizar as rendições e as consequências dos atos da Tríplice Aliança, além de se tentar estabelecer, de uma vez por todas, a paz mundial, principalmente no continente europeu, foram firmados muitos tratados por todas as potências envolvidas. No caso italiano, dois deles interessam no sentido de determinar as compensações, tais como foram requeridas pela Itália em sua busca pela formação de aliança em 1915: o Tratado de Versalhes e o Tratado de Saint-Germain.

O Tratado de Versalhes foi o instrumento legal assinado entre a Alemanha e os EUA, a Grã-Bretanha, a França, a Itália e o Japão no dia 28 de junho de 1919 após as reuniões e discussões ocorridas durante a Conferência de Paz de Paris, lideradas pela França, Grã Bretanha, Reino da Itália e EUA. Entretanto, devido às divergências entre estas potências, o rei Vitor Emanuel II abandonou a Conferência antes do fim, principalmente quando foi negada a cessão do porto de Fiumicino à nação italiana (PASTORE, 2002, v. 4, p. 662). Neste, foram determinadas severas punições à Alemanha e seus aliados, como a desmilitarização de suas Forças Armadas, o pagamento aos prejuízos causados e a responsabilidade de ter causado a guerra. Ao fim e ao cabo, “[...] o espírito predominante [...] foi o de punir e humilhar a Alemanha” (BERTONHA, 2011, p. 118), principalmente pela França, que adotou uma posição mais revanchista.

Por sua vez, o Tratado de Saint-Germain-en-Laye foi assinado no dia 10 de setembro de 1919 pelos países da Tríplice Aliança e pela República da Áustria, que se formou após a dissolução do Império Austro-Húngaro. Foi interessante para a Itália, pois em seus artigos ficou estabelecido que os territórios de Trentino, Tirol Meridional, Ístria e Trieste seriam anexados ao seu território (PASTORE, 2002, v. 4, p. 663).

Entretanto, a humilhação sofrida pelas tropas italianas nos campos de batalha e as baixas sofridas, totalizando 600.000 mortos e 1 milhão de feridos (PRESSE, 2014), além da retração econômica, aumentaram a insatisfação popular, tendo como consequência o crescimento dos movimentos de extrema direita até resultar no governo fascista.

1.3. A participação do Brasil na Grande Guerra

Com o início da Primeira Guerra, o Brasil adotou, em um primeiro momento, uma política de neutralidade. Esta decisão não agradou a todos. As opiniões divergiam entre aqueles que defendiam o alinhamento do Brasil com a Tríplice Entente ou com a Tríplice Aliança, além daqueles que eram a favor da neutralidade brasileira (PIRES, 2011, p. 2).

A crise com o Império Alemão começou em 1917, com a notificação do governo brasileiro acerca do bloqueio naval irrestrito imposto por aquela nação a quaisquer transportes marítimos com destino aos países aliados, independentemente do posicionamento do país de origem da carga.

Esta crise se intensificou após o naufrágio de um navio brasileiro por um submarino de origem alemã. O Brasil, então, rompeu as relações diplomáticas e comerciais com o Império Alemão no dia 10 de abril de 1917, mas ainda não declarou estado de guerra. Este veio com a notícia do naufrágio do navio “Macau” pelo submarino alemão U-93: o presidente Wenceslau Braz, por meio do Decreto 3.361/17, enfim declarou o estado de guerra contra o Império Alemão.

A participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial foi pouco significativa, limitando-se a cooperar com o patrulhamento naval entre a costa africana e o Mar Mediterrâneo e em enviar missões médicas para a França. Ademais, não teve presença marcante nos fronts europeus, pois, como resultado de “[...] anos de achatamento salarial e redução de quadros [...] e calcado na tradicional concepção de paz em suas relações externas [...], o Exército brasileiro dispunha de cerca de 15 mil homens [...]” (MONTEIRO, 2014, p. 299). Os poucos combatentes brasileiros - ou estrangeiros e/ou seus descendentes que aqui residiam - que atuaram no campo de batalha participaram voluntariamente, alistando-se em outros países, mesmo antes da declaração de guerra do Brasil aos Impérios Centrais. Foi o que ocorreu com alguns italianos que imigraram para o Brasil e ítalo-brasileiros.

A despeito desta escassa participação, o Brasil foi contemplado com os artigos 263 e 297 do Tratado de Versalhes, onde se garantia que a Alemanha realizaria “[...] o pagamento, com juros, a título de reparação de guerra, do café vendido aos alemães em 1914 [...] e *[cederia]* o direito de propriedade dos setenta navios alemães apresados” (MESQUITA, 2002, CD). Além disso, tornou-se membro não eleito da Liga das Nações, cuja criação foi prevista no artigo 4º deste mesmo instrumento.

2 A MEMÓRIA DO COMBATENTE ITALIANO NA GRANDE GUERRA

A Grande Guerra foi uma das experiências mais terríveis e traumáticas da história mundial. Tanto é que, segundo Walter Benjamin, “na época, os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. [...]” (BENJAMIN, 1987, p. 114 e 115). Os minutos iniciais de *Heimat*¹⁰ vão ao encontro desta ideia: neste, vê-se o jovem alemão Paul Simon voltando para casa, em 9 de maio de 1919, após lutar no *front* e está mudo, permanecendo assim por bastante tempo. Entretanto, deve-se reconsiderar esta concepção de que a Primeira Guerra Mundial foi um evento “silencioso”.

Entre 1914 e 1918, mais de 60 milhões de soldados (WWI, 1996) de diversas nacionalidades foram convocados (compulsória ou voluntariamente) por suas respectivas pátrias para lutar na Primeira Guerra Mundial. As batalhas aconteceram em quase todos os territórios do continente europeu; portanto, estes combatentes, que muitas vezes não se ocupavam profissionalmente com a vida militar, e sim com a agricultura e o comércio, eram obrigados a abandonar seus lares para combater os inimigos em locais desconhecidos para eles até então, como as demais regiões de seu próprio país, as fronteiras entre Estados vizinhos ou, ainda, outra Nação.

Longe de casa, da família, dos amigos, dos amores, da vida que levavam até o início da Grande Guerra e perto de uma realidade em que a vida e a morte andavam juntas, além das “[...] longas horas de ociosidade inevitável nas trincheiras e sem nenhuma chance de entretenimento no front [...]”¹¹ (MONDINI, 2014, p. 307, tradução nossa), restavam aos soldados escrever cadernos, cartas, cartões-postais, diários, memórias, relatando acontecimentos cotidianos e suas percepções e experiências vivenciadas neste conflito para que pudessem manter contato não só com os entes queridos, mas também com o mundo “normal” que esperavam ansiosamente retornar.

A frequência com que estes soldados escreviam e recebiam cartas e cartões-postais resultou em uma troca de correspondências tão intensa que o historiador estadunidense Paul Fussell exclamou: “Oh, que guerra literária!”¹² (FUSSELL, Paul *apud* MONDINI, 2014, p. 307, tradução nossa). Apesar de estar se referindo às tropas britânicas, esta tipificação pode

¹⁰ *Heimat* é o primeiro de uma série de cinco filmes, divididos em um total de trinta e dois episódios, todos eles escritos e dirigidos por Edgar Retz. Neste, acompanha-se a vida da família alemã Simon, que mora na vila de Schabbach, desde o ano de 1919 até 1982.

¹¹ “[...] long hours of inevitable idleness in the trenches and no chances of entertainment at the front [...]”.

¹² “Oh, what a literary war!”.

ser também estendida a outras Nações, como, por exemplo, ao Reino da Itália, cuja análise dos epistolários legados dos combatentes da Grande Guerra é muito intrigante.

2.1 As cartas dos combatentes italianos na Grande Guerra

Durante a Grande Guerra, mais de dois bilhões de cartas e cartões-postais foram enviados pelos *fronts* italianos. Na contramão, um bilhão e meio de correspondências foram a eles destinados e aproximadamente trezentos milhões de cartas foram trocadas entre as zonas de guerra (MONDINI, 2014, p. 312). No total, mais de quatro bilhões de cartas foram trocadas (ROSSI, 2007, p. 21).

Em comparação com outros países beligerantes europeus, este fluxo postal é considerado ínfimo: as tropas francesas trocaram mais de dez bilhões de correspondências (cerca de quatro milhões diariamente); as tropas alemãs, mais de trinta bilhões (aproximadamente sete milhões todos os dias); as tropas inglesas enviavam de um a dois milhões de cartas e cartões-postais por dia (MONDINI, 2014, p. 312) (HANNA, 2014).

Entretanto, chama a atenção um curioso fato: enquanto, por exemplo, os soldados britânicos possuíam ao menos alguma formação educacional básica (MONDINI, 2014, p. 308), o analfabetismo atingia quase metade da população italiana (46%) (GIBELLI, 2012). Nos *fronts*, esta situação parece ser agravada:

“O exército italiano, do modo como foi mobilizado em 1915, entretanto, foi essencialmente um grupo heterogêneo de semianalfabetos: em suas fileiras foram alistados ao menos dois milhões e meio de camponeses, chamados de distritos rurais nos quais as políticas escolares questionáveis do governo liberal se provaram lamentavelmente ineficientes. A taxa de analfabetismo nos fronts era tão alta que temos razões para supor que metade das tropas não podia ler nem escrever. Além disso, a alfabetização da metade restante era provavelmente bastante rudimentar”¹³ (MONDINI, 2014, p. 308, tradução nossa).

Todavia, mesmo com pouca ou nenhuma escolaridade (principalmente os habitantes da região sul da Península Itálica), estando alguns habituados a somente falar os seus dialetos em detrimento do italiano formal, os combatentes italianos procuraram, por meio

¹³ “The Italian army as it was mobilized in 1915, however, was essentially a motley crew of semi-illiterates: in its ranks were enlisted at least two and a half million peasants, called up from rural districts in which the questionable school policies of the liberal government had proven dismally ineffective. The rate of illiteracy on the frontlines was so high that we have reasons to assume that half the troops could neither read nor write. Additionally, the literacy of the remaining half was probably quite rudimentary”.

da escrita de cartas e cartões-postais, uma maneira de se manter em contato com o “mundo exterior”, principalmente com a família.

Assimilar o italiano não era tarefa fácil, ainda mais para os combatentes analfabetos que tiveram que aprender o fundamental deste idioma quando adultos, em condições que dificultavam a apreensão. Diante deste quadro, provava-se que o estudo da língua falada era mais fácil do que o da escrita. Isto porque:

“[...] para aprender a falar um italiano elementar, mas compreensível, era suficiente ser exposto por um período de tempo suficientemente longo ao italiano falado pelos oficiais e pelos poucos itálofonos presentes na tropa; ao contrário, para aprender a escrever decentemente na língua nacional, era necessário se submeter, ao menos parcialmente, a algum tirocínio educacional, realizando os principais exercícios ortográficos e tudo isto talvez nas trincheiras, entre uma guarda noturna e um ataque à baioneta”¹⁴ (CASTRIGNANÒ, 2014, p. 4, tradução nossa).

Esta variedade linguística ficou conhecida como “italiano popular” (*italiano popolare*), uma mistura do italiano padrão com os diversos dialetos da Península Itálica e da escrita formal com influências da oralidade, amplamente falado pelos analfabetos e semianalfabetos. É uma variação *sui generis*:

“[...] pouco respeitosa da linguagem literária, e por isso cheia de ‘erros’, mas não por isso incompreensível e livre de regras. Tratava-se de uma espécie de nova linguagem [...], nascida no século anterior no interior dos processos de aculturação das classes subalternas e proletárias”¹⁵ (COLOMBARA, 2008, p. 13, tradução nossa).

No Brasil ocorria processo semelhante. Desde o início da imigração italiana no final do século XIX, principalmente destinada ao estado de São Paulo, os imigrantes, que ainda eram falantes dos dialetos de sua região de origem, alguns poucos já educados à luz do italiano padrão, ainda que rudimentar, necessitavam se comunicar com os brasileiros, que, a partir daquele momento, fariam parte de seu cotidiano, e com seus próprios conterrâneos que, assim como eles, também desembarcaram em terras brasileiras visando estabelecer residência definitiva, advindos das mais diversas partes do Reino da Itália. Foi assim que nasceu o

¹⁴ “[...] per imparare a parlare un italiano elementare ma comprensibile era sufficiente essere esposti per un periodo di tempo sufficientemente lungo all’italiano parlato dagli ufficiali e dai pochi italofofonici presente nella truppa; al contrario, per imparare a scrivere decentemente nella lingua nazionale, era necessario sottoporsi, almeno parzialmente, a un qualche tirocinio scolastico, svolgere almeno i principali esercizi ortografici e tutto ciò magari in trincea, tra una guardia notturna e un assalto alla baionetta.”

¹⁵ “[...] poco rispettosa della lingua letteraria, e quindi colma di ‘errori’, ma non per questo incomprendibile e priva di regole. Si trattava di una sorta di nuova lingua [...], nata nel secolo precedente all’interno dei processi di acculturazione delle classi subalterne e proletarie [...]”

dialeto ítalo-brasileiro, uma mescla dos idiomas italiano e português acrescido dos dialetos italianos.

Como consequência, a Grande Guerra resultou não só em vantagens territoriais para o Reino da Itália, mas também representou uma grande mudança em relação à alfabetização dos itálofonos, que, sem qualquer outro meio existente para se comunicar com aqueles que não estavam de corpo presente ao seu lado, tiveram que aprender a ler e a escrever o italiano, sem se preocupar em seguir à risca as regras básicas da linguagem padrão.

Neste sentido, é interessante o caso trazido à baila por Vito Luigi Castrignanò (CASTRIGNANÒ, 2014, p. 1 e 2, tradução nossa):

“Exemplar é o caso do camponês Antonio Barone di Matino [...], classe 1894, chamado às armas em 10 de novembro de 1914, mobilizado em 24 de maio de 1915 [...]. Na sua ficha individual para fins de serviço militar é anotado também: <<Se sabe ler/escrever: não.>> Todavia, em 18 de fevereiro de 1919, Barone fora exonerado do serviço militar [...] com o grau hierárquico de <<sargento de contabilidade>> e com um padrão elementar do italiano escrito.”¹⁶

Além da necessidade de se escrever para os entes queridos, havia outra motivação, desta vez de ordem interna, para que as tropas aprendessem a língua italiana: a própria vida militar, a vida nas trincheiras, demandava-os isto. Era o idioma utilizado pelo alto escalão militar e também para se comunicar (e se fazer entender) com os próprios colegas que com eles dividiam o cotidiano da guerra; era, portanto, uma estratégia de sobrevivência, tanto para entender as ordens recebidas e concretizar corretamente as táticas planejadas quanto para escapar das chacotas de seus camaradas (CASTRIGNANÒ, 2014, p. 3).

Um interessante questionamento pode vir à mente: se a taxa de analfabetismo atingia grande parte da população italiana, havia grande probabilidade de alguns dos destinatários destas cartas serem iletrados; assim sendo, como a comunicação postal haveria de ser mantida, se, para tanto, eram essenciais os conhecimentos acerca da leitura e da escrita?

Se o destinatário fosse ao menos basicamente letrado, ele provavelmente escreveria de volta fazendo uso do italiano popular. Entretanto, e se ele fosse analfabeto? Quanto a isto, havia a necessidade de se contar com a compreensão e com o auxílio de quem efetivamente sabia ler e escrever, como os comandantes nas trincheiras, alguns vizinhos conhecidos nas cidades ou até mesmo os padres.

¹⁶ “Esemplare il caso del contadino Antonio Barone di Matino [...], classe 1894, chiamato alle armi il 10 novembre 1914, mobilitato il 24 maggio 1915 [...]. Nel suo ruolo matricolare è annotato anche: <<Se sa leggere/scrivere: no>>. Tuttavia, il 18 febbraio 1919 Barone viene esonerato dal servizio militare [...] con il grado di <<sergente di contabilità>> e con una padronanza elementare dell’italiano scritto.”

O filme “La Grande Guerra” (1959), de Mario Monicelli, mostra esta situação de maneira cômica: o soldado Giacomazzi, que está no *front* italiano de guerra, ao sair de sua cidade de origem para lutar nas trincheiras, deixou para trás sua namorada, Teresa. Os dois não sabem ler, nem escrever, e, desejosos de manter o relacionamento à distância, Giacomazzi conta com o auxílio do tenente de seu Regimento, Gallina, para enviar cartas, enquanto Teresa, com o de um padre. Veja os seguintes diálogos entre o tenente e o soldado:

- “- Tenente. Tenente.
- Giacomazzi, não tenho tempo.
- Teresa me escreveu há 5 dias, e agora preciso responder.
- Encontre outra pessoa para escrever uma resposta.
- Nós somos dois, o padre da vila escreve por Teresa, que ao todo dão quatro pessoas. Não quero envolver mais gente, é um assunto íntimo.
- Claro, com licença.
- Não há razão para isso.
- Está bem, venha até a sala de comando mais tarde.
- Obrigado.” (A GRANDE, 1959, capítulo 2)

- “- Mande um beijo para ela, e diga que minha vida está um tédio e também que a noite é a parte mais triste do dia. Ponto. E que eu mando um abraço. Você escreveu a frase?
- Não se preocupe, Giacomazzi. Eu estou cansado de escrever frases de amor para um padre!” (A GRANDE, 1959, capítulo 2)

Este quadro não era incomum, nem ao menos quando estavam envolvidas três ou mais pessoas neste simples enviar de cartas, não só aos seus amores, como também a suas famílias.

Eis aí, portanto, mais um motivo pelo qual os combatentes necessitavam aprender o italiano: algumas vezes, como não eram os próprios destinatários das cartas que iriam ler e escrever a resposta em retorno e o soldado não havia como saber, *a priori*, quem estava transmitindo suas mensagens e de que região era originário (a não ser que estivesse expressamente escrita em alguma carta), eles precisavam se fazer entender ao máximo para que a mensagem fosse corretamente lida e interpretada da forma em que pretendiam. Ademais, o uso do italiano padrão era considerado, no âmbito familiar, motivo de orgulho, pois isso significava que ele estava usando o mesmo idioma dos militares de alto escalão na hierarquia italiana à época (CASTRIGNANÒ, 2014, p. 4).

A importância da aprendizagem do italiano também pode ser ampliada quando vista por um ponto de vista mais abstrato, englobando, principalmente, os aspectos sociais e culturais. De acordo com De Mauro, citado por Vito Luigi Castrignanò (CASTRIGNANÒ, 2014, p. 4, tradução nossa):

“[...] a posse de um único dialeto era uma garantia de estabilidade social (entendida como imobilidade conservativa e antiprogressista), porque tornava difícil a circulação de homens e de ideias no interior da Península. A posse do italiano, portanto, poderia representar para alguns soldados uma forma não irrelevante de emancipação social.”¹⁷

In fine, apesar desta imensa quantidade de cartas e cartões-postais enviados e recebidos pelos combatentes italianos de todos os fronts, localizados nos mais diversos locais ao longo da fronteira ítalo-austro-húngara, a troca destas correspondências e até mesmo o posterior apreço destes escritos pelos historiadores (em especial, pelos próprios italianos) foram obstaculizados.

Durante a Grande Guerra, houve a suspensão da inviolabilidade postal em praticamente todos os países beligerantes; assim, todos os objetos postais passavam pelo aval da censura (civil ou militar), com exceção daqueles que estavam a serviço de órgãos ou departamentos estatais/militares ou com fins diplomáticos. Portanto, estavam autorizadas a abertura das correspondências, a supressão de nomes, termos e notícias que, segundo os critérios estabelecidos, não poderiam ser transmitidos, e a retenção dos escritos, sendo todos estes atos justificados em nome da segurança nacional e com a finalidade de evitar a deserção, o sentimento de “derrotismo” e a rendição voluntária dos combatentes aos inimigos (LA PRIMA, p. 3).

No Reino da Itália, a censura postal foi estabelecida com a promulgação do *Regio Decreto* n. 689, cuja vigência se iniciou no mesmo dia em que esta Nação declarou guerra ao Império Austro-Húngaro.

A partir da promulgação da norma jurídica supramencionada, os objetos postais que desrespeitassem quaisquer das exigências feitas pelo órgão censório eram passíveis de serem abertos, marcados com um número, inspecionados para analisar o conteúdo interno¹⁸, e, posteriormente, fechados e impressos com os dizeres *VERIFICATO PER CENSURA* (LA PRIMA, p. 4).

Todas as correspondências eram verificadas pelos centros postais. Os principais se localizam nas cidades de Gênova (centro responsável pela troca de cartas e cartões-postais

¹⁷ “[...] il possesso del solo dialetto era una garanzia di stabilità sociale (intesa come immobilismo conservativo e antiprogressista), perché rendeva difficile la circolazione di uomini e d’idee all’interno della Penisola. Il possesso dell’italiano, dunque, poteva rappresentare per alcuni soldati una forma non trascurabile di emancipazione sociale.”

¹⁸ Caso o conteúdo censurado fosse considerado leve, os próprios funcionários se encarregavam de apagá-lo; se houvesse um maior desrespeito a algumas das normas de censura, era restituído ao remetente; os casos mais graves eram alertados às autoridades militares para que fossem tomadas medidas cabíveis contra os civis ou militares envolvidos.

entre os *fronts* italianos e os países americanos); Milão (centro responsável pela troca de cartas e cartões-postais entre os *fronts* italianos e a Suíça); Bolonha (centro responsável pela troca de cartas e cartões-postais entre os *fronts* italianos e demais países, além de concentrar as postas militares, em um primeiro momento) e Veneza (centro responsável pela troca de cartas e cartões-postais entre os próprios *fronts* italianos) (LA PRIMA, p. 4).

Destaca-se que todas as correspondências enviadas ao exterior passavam pelo crivo da censura e as militares eram enviadas ao centro em Treviso depois de ser analisadas, o que atrasava o envio das correspondências devido ao intenso fluxo postal (LA PRIMA, p. 5).

Como foi exposto em momento oportuno, a disputa entre o Reino da Itália e o Império Austro-Húngaro foi intensa, tendo como consequência, em vários momentos, uma derrota desastrosa para ambas as partes com poucos objetivos alcançados. Em alguns momentos, devido ao atraso nas correspondências e o extenso acúmulo, era preferível destruí-las a não realizar a censura postal (LA PRIMA, p. 4).

Esta censura prosseguiu até o ano de 1920, ou seja, não se cessou com o fim da Grande Guerra em 1918, muito pelo contrário, estendeu-se inclusive às recém-incorporadas províncias irredentas por motivos de ordem comerciais e econômicos, sobretudo (LA PRIMA, p. 5).

Diante do exposto, verifica-se que “narrar a guerra com somente o auxílio das cartas é, contudo, difícil. A censura militar e a autocensura impediram certas notícias”¹⁹ (COLOMBARA, 2008, p. 15, tradução nossa) . Entretanto, verifica-se que este empecilho, por si só, não foi suficiente para abrandar a constante troca de correspondências entre os militares e entre estes e os civis.

A literatura de guerra – incluindo não só os romances e novelas, mas também as autobiografias extraídas, principalmente, de cartas – é extensa, se considerada sob um aspecto mais amplo. Em relação à Primeira Guerra Mundial, esta situação também é percebida: diversas são as publicações que versam sobre a temática utilizando como fonte as memórias de indivíduos que estiveram envolvidos de alguma forma na Grande Guerra.

Este cenário é encontrado na maioria dos países (senão em todos) que participaram deste conflito; entretanto, devido a sua maior visibilidade no conflito, seja por causa de suas táticas bélicas ou de sua influência, o estudo da Primeira Guerra Mundial por meio das cartas enviadas pelos soldados teve ampla repercussão em países como a França, o Reino Unido e até a Rússia.

¹⁹ “Narrare la guerra con il solo ausilio delle lettere è tuttavia difficile. Censura militare e autocensura impedirono certe notizie.”

Em relação ao Reino da Itália, a historiografia oficial local não viu com bons olhos a ideia de analisar a Grande Guerra à luz dos combatentes italianos que lutaram diretamente nas trincheiras; na verdade, não é que não tenha visto com bons olhos: não viu. Muitas publicações que tinham como objetivo abarcar o tema supramencionado não traziam à tona o ponto de vista do soldado, sendo este mal visto e considerado irrelevante, pois, segundo Marco Mondini (2014, p. 312 e 313, tradução nossa):

“[...] como Adolfo Omodeo prontamente admitiu: ‘os cidadãos comuns não ‘sentem’ a guerra, eles são incapazes de compreender suas profundas motivações. O melhor que um soldado poderia fazer em seus escritos era falar sobre suas necessidades mais elementares, a criação de crianças ou o bem estar de seu gado. A autoridade desfrutada por Omodeo e seu prestígio como estudioso que nunca se entregou às celebrações gratuitas do regime contribuiriam mais tarde para sustentar, bem na era republicana, a noção de que era permitido ignorar as opiniões dos soldados comuns. Eles eram ou analfabetos, incapazes de deixar um legado escrito, ou, na melhor das hipóteses, estavam interessados somente em assuntos da família, dos amigos e pessoais.”²⁰

Tudo isto relegou a pesquisa das missivas enviadas e recebidas pelos combatentes a um segundo plano, que, conseqüentemente, levou anos para ser creditada no meio histórico-científico e ficou conhecida como “historiografia da dissidência” italiana (MONDINI, 2014, p. 313).

Não bastasse o descrédito inicial desta própria fonte, ainda é muito debatida a análise de um fato histórico a partir de um foco específico, como no caso da *microstoria*. Aos poucos, o estudo do homem comum, tomando como base um contexto mais amplo, se tornou mais aceito no mundo historiográfico graças aos trabalhos e aos esforços, principalmente, de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi.

Como afirma Roger Chartier, citado por Ginzburg em *O fio e os rastros*, “nessa escala reduzida, e sem dúvida somente nessa escala, podem ser compreendidos, sem reduções deterministas, as relações entre sistema de crenças, de valores e de representações, por um lado, e pertencimento social, por outro” (GINZBURG, 2007, p. 263 e 264). Além disso, “o olhar aproximado nos permite captar algo que escapa da visão de conjunto, e vice-versa” (GINZBURG, 2007, p. 267).

²⁰ “[...] as Adolfo Omodeo readily admitted: ‘commoners do not ‘feel’ the war, they are unable to grasp its deep motivations’. The best a soldier could do in this writings was talk about his most elementary needs, child rearing, or the well-being of his cattle. The authority enjoyed by Omodeo, and his prestige as a scholar who never indulged in gratuitous celebration of the regime, would later contribute to support, well into the republican age, the notion that it was permissible to ignore the opinions of commom soldiers. They were either illiterate, that is incapable of leaving a written legacy, or at best only interested in family, friend, and personal matters.”

2.2 O epistolário de Americo Orlando

A Grande Guerra mobilizou milhões de pessoas no Reino da Itália, entre italianos e seus descendentes, entre militares e civis empregados em zonas de guerra. Nesta cifra, encontram-se os soldados que lutaram diretamente nas trincheiras para defender as fronteiras italianas e conquistar territórios austro-húngaros de interesse nacional e que, pelas motivações expressas anteriormente, trocaram uma boa quantidade de correspondências com os familiares, os amigos, os amores, os párocos, possibilitando aos historiadores uma análise do epistolário legado. Este é o caso do soldado, posteriormente promovido a cabo, Americo Orlando.

Ressalta-se que este trabalho não é fruto de “nenhum fetichismo da micro-história”²¹: trata-se, na verdade, de um ponto de vista individual acerca de um grande fato coletivo (LEOTTA, 2015, tradução nossa); afinal, as experiências de guerra não foram sentidas pelos combatentes de maneira equânime (GIBELLI, 2014, p. 6) e, portanto, as emoções e imagens encontradas nas cartas, cartões-postais, autobiografias, notas, cadernos, diários, entre outros, são bastante diversificadas (MONDINI, 2014, p. 308).

Ratificando este posicionamento, Mirian Silva Rossi (2007, p. 122, tradução nossa) afirma que:

“A história de Americo é a história de milhares e milhares de soldados, de todos os tempos, de todas as guerras, cujas vozes foram bruscamente silenciadas pelo bombardeio de uma metralhadora, pela explosão de uma bomba, pela detonação de uma mina, pelo efeito de um gás letal”²²

2.2.1 Quem foi Americo Orlando?

A história de Americo Orlando se inicia como a de muitos imigrantes italianos que vieram para o Brasil no final do século XIX.

No dia 8 de julho de 1895, o navio “Alecrità”, proveniente do porto de Gênova, chegou ao porto da cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil à época. Dentre as famílias italianas que estavam a bordo deste navio e que pagaram para prosseguir viagem à cidade de

²¹ “Nessun fetichismo della microstoria”.

²² “La storia di Americo è la storia di migliaia e migliaia di soldati, di tutti i tempi, di tutte le guerre, le cui voci sono state bruscamente azzittite dalla raffica di una mitragliatrice, dall’esplosione di una bomba, dallo scoppo di una mina, dall’effetto di un gas letale”.

Santos (SP), estavam Francesco Orlando; sua esposa, então grávida de 5 meses, Eleonora Scioli, e seus três filhos: Giovanni, Giuseppe e Tommaso Cesario, todos originários da comuna italiana de Guardiagrele, localizada na província de Chieti, na região dos Abruzos (ROSSI, 2007, p. 13).

Ao desembarcarem no porto de Santos, foram de trem até a cidade de São Paulo e se acomodaram na Hospedaria dos Imigrantes do Brás em 19 de julho de 1895. Após se estabelecerem devidamente na cidade, a família trabalhou no comércio de massas, atividade já exercida por Francesco em sua cidade natal (ROSSI, 2007, p. 13).

Em outubro do mesmo ano, Eleonora Scioli dá à luz a um menino, o último de quatro concebidos na Itália e o primeiro de três nascidos no Brasil (GIBELLI, 2014, p. 4). O nome Americo foi-lhe dado em homenagem ao novo continente que agora lhes acolhia. Portanto, a família Orlando, no início do século XX, era composta por oito membros: além daqueles supramencionados, nasceram ainda Luigi, em 1898, e Almerinda, em 1902 (ROSSI, 2007, p. 13).

Apesar de ter nascido no Brasil, a Itália sempre esteve presente em seu cotidiano e em sua vida: além das recordações de seus pais e de seus irmãos mais velhos e do trabalho de tipógrafo no jornal étnico “Fanfulla”, que veiculava informações da comunidade italiana no Brasil, Orlando reside em Guardiagrele (comuna italiana da província de Chieti, localizada na região dos Abruzos), local de origem de sua família, durante um período de dois anos com sua mãe e seus irmãos mais novos quando tinha 12 anos. Deste modo, cria em sua mente uma identidade nacional italiana idealizada (ROSSI, 2007, p. 18), tão atrativa, profunda e filial quanto ao amor conferido à sua mãe e à Nossa Senhora da Penha (GIBELLI, 2014, p. 4 e 5).

O desejo de retornar ao Reino da Itália nunca saiu de sua mente, mas a forte ligação com sua mãe atrasou esta ida até o momento da eclosão da Primeira Guerra Mundial, mais especificamente até 1915, quando houve a declaração de guerra ao Império Austro-Húngaro.

O jovem Americo, tomado pelo sentimento nacionalista, viu nisto a oportunidade para voltar à Itália e se alistar, visando, em nome de sua pátria amada, lutar até as últimas consequências para libertar seus conterrâneos e as províncias irredentas do controle inimigo. Dois meses depois desta declaração, sem informar a quaisquer de seus familiares ou amigos sobre sua partida, ele foge para a Itália, partindo do mesmo porto que sua família chegara anos antes. Para avisar sobre sua decisão de ir lutar na Grande Guerra aos seus familiares, escreveu uma carta, em 22 de julho de 1915, endereçada a sua cunhada Antonia, esposa de

seu irmão Giuseppe, quando já estava no Rio de Janeiro, prestes a embarcar para a Itália. Orlando a incumbiu de dar esta notícia aos outros.

Após ser convocado às fileiras italianas, ele serviu na 6ª e na 8ª Companhia do 14º Regimento de Infantaria, na “Brigada Pinerolo”, inicialmente como soldado e, ao final de 1916, como cabo. Este Regimento lutou na frente ao longo do Rio Isonzo e perto do Carso.

Se por um lado Americo Orlando realizou o seu sonho de retornar à Itália, por outro não logrou êxito em retornar ao Brasil, principalmente para os braços de sua mãe. Morreu em combate durante a 11ª Batalha de Isonzo, considerada a mais cruel dos embates travados pelo front isontino. Muitos de seus parentes, incluindo sua mãe, faleceram sem saber onde estavam os restos mortais de Americo Orlando. Atualmente, estão localizados no Sacrário Militar de Redipuglia (localizado em Fogliano Redipuglia, na região de Friuli Venezia Giulia), cemitério construído em 1938 durante o regime fascista e dedicado à memória dos soldados italianos que lutaram e morreram durante a Primeira Guerra Mundial.

A vida de Americo Orlando e algumas das cartas por ele enviadas e recebidas estão compiladas no livro “Mia Cara Mamma: Lettere dal fronte” (*Minha querida mamãe: Cartas do front*, em português), editado por Mirian Silva Rossi.

A ideia surgiu quando Mirian, que é sobrinha-neta de Americo Orlando e atualmente doutoranda pela Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação da mesma universidade (LEER/USP), foi à Itália, mais especificamente à comuna de Guardiagrele para realizar algumas pesquisas na biblioteca local. Ao saber da visita da historiadora brasileira, o prefeito à época, Mario Palmerio, não só a quis conhecer como também, após Mirian explicar no que consistia seu projeto de pesquisa, convenceu-a a escrever um livro para preservar a memória desta comuna.

Assim surgiu o livro “Mia cara mamma: Lettere dal fronte”, primeiro da coletânea “Guardiagrele: La memoria”, composto pelo prefácio escrito por Mario Palmerio; pelo prólogo e pelo epílogo escritos por Mirian Silva Rossi e, entre eles, foram inseridos parte do epistolário de Americo Orlando: 80 cartas e 7 cartões postais por ele escritos e recebidos entre 22 de julho de 1915, quando escreveu sua primeira carta, endereçada à sua cunhada, até 13 de agosto de 1917, data em que escreveu sua última carta, destinada a sua mãe, antes de morrer seis dias depois.

Todas as cartas foram traduzidas para o italiano padrão, uma vez que a escrita de Americo, apesar de redigir em italiano para a mãe e para os irmãos mais velhos e em português para os dois irmãos mais novos, apresenta sinais do “dialeto” ítalo-brasileiro, o que

dificultaria o entendimento, para os historiadores italianos, de alguns dos termos utilizados nas cartas manuscritas.

2.2.2 *Análise do epistolário: Le due madri*

Na análise de um epistolário à luz de um fato coletivo maior, principalmente no âmbito histórico, diversas situações podem ser estudadas. Para este trabalho, optou-se pela utilização de algumas das propostas sugerida pelo prefeito de Guardiagrele, Mario Palmerio, no livro em questão. Portanto, serão analisados dois aspectos: os destinatários, focando na figura no relacionamento entre a mãe e o filho, e o nacionalismo das cartas e cartões-postais constantes em *Mia cara mamma: Lettere dal fronte*.

2.2.2.1 *La madre vera: Os destinatários das cartas*

Como foi dito anteriormente, no livro constam 80 cartas e 7 cartões postais trocados entre Americo Orlando e sua família (a exceção daquelas correspondidas com o sogro de seu irmão Giovanni, Vito di Cunto, e com seu antigo chefe do jornal “Fanfulla”, Pietro Piassini). Deste epistolário, 55 cartas são destinadas a mãe, Eleonora Scioli; 17, a sua irmã Almerinda; 7 ao seu irmão Luigi e 1, a sua cunhada Antonia, esposa de seu irmão Giuseppe. Por outro lado, foram-lhe endereçadas 1 carta “escrita” por sua mãe²³ e 2 por Vito di Cunto (sendo que 1 delas estava anexada a uma carta enviada a sua mãe, como prova da disposição, gentileza e boa vontade de Vito em receber Americo em sua casa). Em relação aos cartões postais, 3 foram destinados à mãe; 2, ao irmão Luigi; 1, à irmã Almerinda e 1, a Pietro Piassini.

Percebe-se claramente que a maioria das cartas e cartões-postais foram trocados entre mãe e filho; em segundo lugar, entre ele e seus irmãos e, por último, entre ele e outros destinatários, como Vito di Cunto e Pietro Piassini. Por que há esta discrepância do montante postal enviada a estes destinatários?

Esta abordagem é interessante, pois, “apesar de o homem ser considerado o chefe da família, é a mulher, e a mãe, o seu centro em redor de quem giram o marido, as filhas e, em

²³ Na realidade, Eleonora Scioli não possuía instrução escolar suficiente para que pudesse, por si mesma, escrever em retorno às cartas de Americo; para realizar estas funções, contava com o auxílio da senhora Antonietta, cujo vínculo afetivo com a mãe não pode ser conhecido somente pela leitura das cartas selecionadas na edição deste livro.

particular, os filhos” (BERTONHA, 2008, p. 248). Ademais, é admirável que a mulher tenha uma representação essencial em uma sociedade italiana, cuja Nação é notadamente considerada de “pais fundadores”.

Em um contexto global, a relação entre a mãe e os filhos é um dos mais importantes e fundamentais vínculos firmados no âmbito familiar. Cada uma delas, naturalmente, é diferente entre si, pois depende de fatores como, por exemplo, a cultura em que ela está inserida e o modo de criação dos entes envolvidos. Esta mesma diversidade atribui a esta relação uma característica tão intrigante que se tornou objeto de pesquisa em níveis mundial, nacional, regional e local, cujo foco permeia sob a abrangência dos mais diversos âmbitos, como o antropológico, o biológico, o histórico, o jurídico, entre outros. No caso italiano, esta relação - mais especificamente da mãe com os filhos do sexo masculino - configura uma situação de caráter tão *sui generis* que passou a constituir um dos estereótipos de sua própria sociedade.

O peculiar tratamento que a mãe italiana, ou melhor, *la mamma* dispensa ao seu rebento remonta desde à época do domínio do Império Romano e o desempenho de sua função materna, ao longo do tempo, foi quase imutável, tanto é que,

“[...] os homens italianos [...] têm enfrentado dificuldades para se adaptar aos novos tempos e aos novos conceitos de paternidade. Os pais autoritários de outrora, contudo, praticamente desapareceram. Já o papel das mulheres na família italiana continua bastante próximo do padrão tradicional, ao menos no campo teórico” (BERTONHA, 2008, p. 100).

No transcurso do tempo, foram feitas várias reflexões sobre a temática; portanto, a criação de um termo linguístico para explicar este fenômeno – *mammismo*, também conhecido como “complexo italiano do maternalismo”, que aparece pela primeira vez em um ensaio intitulado “Il mammismo” constante no livro “Il nostro tempo e la speranza: Saggi di vita contemporanea” (*O nosso tempo e a esperança: Ensaio de vida contemporânea*, em português), escrito por Corrado Alvaro em 1952 – não é nenhuma inovação ideológica. Para ele, ao *mammismo* é atribuída uma conotação negativa, pois percebe como seu denominador comum “uma sociedade de homens criados pela mãe como protagonistas”²⁴ (ALVARO, CORRADO *apud* D’AMELIA, 2011, capítulo 1, tradução livre).

Isto porque a predileção da *mamma* pelo filho é incondicional e irrestrita, não encontrando barreiras em nenhuma regra moral ou legislação instituída pelo governo. Alvaro

²⁴ “Una società d’uomini allevati dalla mamma come protagonisti”.

conclui com isso que “a natureza do *mammismo* italiano [...] é, portanto, duplamente nefasta: porque está na origem da tradicional amoralidade italiana, da falta de educação cívica e da imaturidade política de um povo, e porque testemunha um modo de dar a vida privada de cada senso de responsabilidade”²⁵ (D’AMELIA, 2011, capítulo 1).

O próprio “Corriere della Sera”, um dos principais jornais de circulação italiana, define o *mammismo* como “desejo excessivo e doentio de afeto e atenções maternas na idade adulta; atitude de excessiva proteção e doentia ligação da mãe em relação ao próprio filho também quando se é adulto”²⁶ (MAMMISMO, 2011).

Interessante é que este modo de criar o filho, onde a atenção conferida pela mãe ocorre de maneira quase exclusiva, dedicada e até mesmo egoísta, gerou para a Itália um relacionamento materno-filial diferente de outros países. Tão diferente, que Alvaro afirma que “não há país [...] que tenha exaltado tanto a mãe por séculos, e não tem nenhum que tenha feito tanto estrago em seus filhos”²⁷ (ALVARO, CORRADO *apud* D’AMELIA, 2011, capítulo 1, tradução nossa). Bertonha (2008, p. 255) também vai ao encontro deste entendimento, quando realiza os seguintes questionamentos:

“Que outro povo apela para a mãe em momentos de aflição? Será que os alemães gritam *Mutter* diante de uma emergência, uma aflição ou um perigo? Já os italianos apelam sempre à *mamma mia* diante de uma emergência, enquanto uma das expressões mais comuns da língua italiana é *Madonna!* (Nossa Senhora), símbolo universal da mãe que sofre e se sacrifica pelo filho”.

Com o passar dos anos, fica claro que esta representação da mãe italiana não é a mesma outrora concebida, principalmente após a revolução feminina ocorrida principalmente a partir da década de 60 do século XX, mas, ainda assim, persiste a importância da *mamma* como figura central no interior do núcleo familiar na República Italiana, por mais que tenha que conciliar, por exemplo, a criação dos filhos com o trabalho. Nesse sentido:

“Em 1994, [...] algumas estatísticas revelavam que um terço dos homens italianos casados viam suas mães todos os dias e outro terço ao menos uma vez por semana. Ao mesmo tempo, a maioria dos homens solteiros acima de 35 anos e boa parte dos divorciados vivia com as mães.

²⁵ “La natura del *mammismo* italiano [...] è dunque doppiamente nefasta: perché è all’origine della tradizionale amoralità italiana, della mancanza di educazione civica e dell’immaturità politica di un popolo, e perché testimonia un modo di dare la vita privo di ogni senso di responsabilità.”

²⁶ “Desiderio eccessivo e morboso di affetto e cure materne in età adulta; atteggiamento di eccessiva protezione e morboso attaccamento della madre nei confronti del proprio figlio anche quando è adulto.”

²⁷ “Non c’è Paese [...] che abbia tanto esaltato la madre da secoli, e non ce n’è uno che abbia fatto tanto spreco dei suoi figli.”

Para um norte-americano típico ou mesmo um francês, a ideia de viver com a mãe após o divórcio ou continuar na casa dos pais após completar 30 ou 40 anos de idade é intolerável e mesmo impensável, em nome da privacidade e da busca do espaço próprio. Já para os italianos e para boa parte dos seus descendentes espalhados pelo mundo, é perfeitamente natural e até mesmo lógico [...]” (BERTONHA, 2008, p. 256).

O que foi exposto até este momento é um contexto geral do relacionamento entre a *mamma* e seu filho varão; entretanto, ele não é um fenômeno estático e imutável, muito pelo contrário: as ligações materno-filiais variam, ainda que parcialmente, de acordo com a época em questão. Dentre as diversas noções possíveis, encontra-se a representação da mãe italiana durante a Grande Guerra.

A representação da *mamma* na Grande Guerra se assemelha, em certos aspectos, àquela à época do *Risorgimento*. A *madre risorgimentale*, como é chamada, tem como principal característica a simbiose entre a mãe e o filho: a intimidade e a cumplicidade entre estes indivíduos são tão intensos que chegou ao ponto da vida filial compassar à própria existência materna, que, por sua vez, torna-se completamente dependente desta outra. Outras características envolvem ainda o desejo de “possuir” o filho, a exclusão do pai da função parental, a admiração por tudo o que é feito por seu rebento, a centralidade de seu ensino na figura da mãe, o excesso de proteção e até mesmo a intromissão na vida sentimental dele (D’AMELIA, 2011, capítulo 5). Substancialmente, é a figura da mãe sacrificial, ou seja, aquela que “sacrifica” sua vida em prol da de seu filho.

Vale lembrar que, poucos anos após o *Risorgimento*, eclodiu a Grande Guerra, que inclusive é considerada por alguns, tais como os intervencionistas, como a continuação deste movimento, mais especificamente como a Quarta e última Batalha. Foram chamados às armas italianos e seus descendentes dos mais diversos lugares, escolaridades e classes sociais. Devido à educação patriótica lecionada nas escolas, que enfatizavam, além dos atos realizados pelo Rei Vittorio Emanuele, Giuseppe Garibaldi e Giuseppe Mazzini na unificação italiana, o glorioso passado da Itália desde a Roma Antiga, os filhos advindos de famílias abastadas, como os da burguesia italiana, eram, em sua maioria, voluntários no alistamento militar. Como expressa Adolfo Omodeo, “partiram voluntários na guerra com os livros de Mazzini na mochila”²⁸ (OMODEO, Adolfo *apud* D’AMELIA, 2011, capítulo 5, tradução nossa).

Portanto, as mães acabaram vítimas de suas próprias atitudes: era difícil ver seus filhos se alistando nas Forças Armadas italianas e partindo para lutar, muitas vezes diretamente nas perigosas trincheiras, oscilando entre a vida e a morte o tempo todo;

²⁸ “partirono volontari in guerra con i libri di Mazzini nello zaino”.

entretanto, elas “deveriam entender” as motivações deles. Era, em outras palavras, uma “[...] prova da educação ética da mãe italiana [...]”²⁹ (D’AMELIA, 2011, capítulo 5, tradução nossa). Um exemplo disso é encontrado na obra “Memoriale”, escrita por Amelia Pincherle Rosselli e mãe de três filhos, todos intervencionistas: Aldo, Carlo e Nello. Quando seu primogênito, Aldo, à época com 19 anos e estudante de medicina, comunica-lhe que vai se alistar nas Forças Armadas italianas, sua reação foi a seguinte:

“Direta é a reação do jovem aos conselhos maternos: como pode aceitar, ele que lutou pela intervenção italiana, a ideia de não estar no fronte e de não combater para libertar Trento e Trieste como gritou nas praças por meses? Amelia gostaria de lhe gritar: ‘É verdade, mas não é justo. Mas eu não posso, eu não quero te ver ir embora. Eu te adoro, não quero que te seja feito mal. Não quero ser justa. Nenhuma mamãe é, pode ser justa. Não, não, não quero, me escute.’ São estes os sentimentos que atravessam a mãe, mas a mulher, em nome da coerência moral, se proíbe a clarificação. Como um fio de voz, se limitará a dizer: ‘te entendo’”³⁰ (D’AMELIA, 2011, capítulo 5, tradução nossa).

Neste ponto, já se percebe uma sutil mudança no relacionamento materno-filial. Nem todas as suas atitudes do filho são cegamente aprovadas e admiradas pela mãe, todavia ainda parece permanecer um indício de conformismo da reação materna em relação a estes atos, provavelmente pelo fato de que o modo de agir de seu descendente está diretamente ligado não só a época em que vive, mas também a sua criação familiar. Vê-se até mesmo um esforço por parte destes combatentes – inclusive por aqueles que não eram entusiastas do mundo político e patriótico – para convencer a mãe sobre as motivações da guerra e, conseqüentemente, as suas próprias, que resultaram no seu alistamento voluntário nas Forças Armadas italianas.

Ademais, outro aspecto que diferencia a *madre risorgimentale* daquela da Grande Guerra é a tradução dos sentimentos maternos. No primeiro caso, o diálogo com os filhos aparentava ser mais sincero, equiparando suas emoções aos dizeres reproduzidos; em relação ao último, isto já não acontecia com tanta frequência. As mães eram tomadas por sentimentos de angústia, de culpa, de remorso, de preocupação, mas, na presença do filho ou quando se comunicava com ele por outros meios (como as cartas e cartões-postais), necessitavam ter um controle emocional e esconder os reais sentimentos e pensamentos acerca da situação.

²⁹ “[...] prova dell’etica educativa della madre italiana [...]”.

³⁰ “Netta è la reazione del giovane ai consigli materni: come può accettare, lui che si è battuto per l’intervento italiano, l’idea di non stare al fronte e di non combattere per liberare Trento e Trieste come per mesi ha gridato sulle piazze? Amelia vorrebbe gridargli: «È vero, non è giusto. Ma io non posso, io non voglio vederti andar via. Io ti adoro non voglio che ti sia fatto del male. Non voglio essere giusta. Nessuna mamma è, può essere giusta. No, no, non voglio, ascoltami». Sono questi i sentimenti che attraversano la madre ma la donna in nome della coerenza morale se ne vieta l’esplicitazione. Con un filo di voce, si limiterà a dire «Ti capisco».”

Reitera-se que isto não significa que a concepção da figura da *madre risorgimentale* tenha desaparecido por completo, e sim que, concomitantemente, outro comportamento materno emergia: neste, foi-se, aos poucos, perdendo o entusiasmo imoderado e a proteção filial regrada pelo ciúme.

Outro aspecto intrigante ocorre quando dois fatores aparentemente contraditórios aparecem diretamente envolvidos: a participação destes homens na Grande Guerra como prova de sua virilidade e a continuação da dependência afetiva materna.

Muitos destes jovens (e até mesmo homens adultos) que lutavam nas trincheiras jamais haviam saído do âmbito familiar ou poucas vezes isso havia ocorrido. Portanto, foi neste delicado momento que tiveram as primeiras experiências fora de casa, que encontraram sua independência e descobriram o povo; entretanto, o que se percebe é uma situação de fragilidade. Isto porque a figura da mãe ainda estava presente no imaginário dos combatentes em praticamente todos os eventos da Grande Guerra; alguns até consideram que ela estava presente ao seu lado em espírito. A mãe aparece como uma figura salvadora e de refúgio das perdas e impotências a que os soldados conviviam diariamente (D'AMELIA, 2011, capítulo 5).

A Grande Guerra trouxe uma diferença na comunicação entre pais e filhos: entre os combatentes que eram originários dos campos, o diálogo materno e subjetivo (pessoal) perdia espaço para o paterno e objetivo, enquanto entre aqueles advindos da classe média, a mãe ainda mantinha o posto de interlocutora privilegiada (D'AMELIA, 2011, capítulo 5).

Em relação a Americo Orlando, deve-se recordar, de plano, que ele era ítalo-brasileiro, possuía pouca instrução e sua família não era burguesa, de modo que ideais nacionalistas italianos não foram incorporados por meio da educação patriótica ministrada pelas escolas do Reino da Itália à época, mas sim por outros meios que serão *a posteriori* aprofundados.

Tampouco privilegiava a comunicação com seu pai, Francesco Orlando, em detrimento daquele que havia com sua mãe. Isto é demonstrado pela quantidade de cartas enviadas a ela e nenhuma endereçada a ele.

O relacionamento entre eles parece coincidir com um aspecto da *madre risorgimentale*, no sentido do diálogo sincero que possuíam. Eleonora Scioli não gostaria que seu filho tivesse ido à guerra e não esconde dele isso, tanto é que, em vários momentos, tenta convencê-lo a retornar para casa, ao que ele responde afirmativamente, mas somente após obter a vitória e libertar as províncias irredentas.

Por sua vez, o sentimento de culpa também não parece advir de sua mãe, e sim do próprio Americo, pois, pelos indícios deixados na correspondência, em nenhum momento o modo que foi criado ou o discurso proferido por seus pais o forçaram a idolatrar o Reino da Itália. Todas as circunstâncias são normais diante da situação. Na carta de 13 de agosto de 1915, ele escreve: “portanto, querida mamãe, te peço perdão por eu ter ido à Itália, mas logo retornarei e seremos felizes”³¹ (ORLANDO, Americo *apud* ROSSI, 2007, p. 25, tradução nossa).

Em relação ao controle emocional, ambos parecem fazê-lo. Americo tranquiliza sua mãe ao falar sobre seu estado de saúde e, algumas vezes, sobre como estava fisicamente e moralmente bem, além de narrar, com orgulho, os eventos de que participa. Eleonora, de seu lado, apesar da sinceridade em relação ao feito de seu filho, escreve-lhe para consolar, como pode ser verificado na carta do dia 4 de janeiro de 1916, 10 de setembro de 1916 e 6 de outubro de 1916, respectivamente: “[...] espero que você receba esta carta logo, logo para te consolar”³² (SCIOLI, Eleonora *apud* ROSSI, 2007, p. 30, tradução nossa); “tenha confiança em Deus para me ver de novo um dia entre seus braços vitorioso, como todos nós esperamos”³³ (ORLANDO, Americo *apud* ROSSI, 2007, p. 66, tradução nossa) e “não pode imaginar a felicidade e a consolação ao receber a tua amada carta [...]”³⁴ (ORLANDO, Americo *apud* ROSSI, 2007, p. 75, tradução nossa).

Além disso, o medo dele não era a guerra, a realidade que passou a viver desde 1915 e suas consequências ou até mesmo a morte em batalha, mas apenas de ser esquecido pelas pessoas que amava e, principalmente, de que a mãe morresse antes que lograsse êxito em retornar aos seus braços. Para tanto, evoca Deus e Nossa Senhora da Penha em praticamente todas suas cartas para que ajudassem a pôr um fim na Grande Guerra e, conseqüentemente, para que possa voltar aos braços de sua amada mãe. Em 3 de outubro de 1916, escreve que: “Imagina como serei desgraçado se não te encontrar em meu retorno, a única para mim é a morte, que me consolará para vir te encontrar no outro mundo”³⁵ (ORLANDO, Americo *apud* ROSSI, 2007, p. 73, tradução nossa).

In fine, diante de tudo o que foi exposto, constata-se o relacionamento entre Americo Orlando e sua mãe oscila entre o imaginário da *madre risorgimentale* e da mãe da Grande Guerra, possuindo características de ambas as épocas. Ademais, também se percebe

³¹ “Dunque cara madre ti cerco perdono di io essemene andato in Italia, ma presto ritornerò e saremo felice.”

³² “[...] spero che questa lettera la ricevessi presto presto per consolarti.”

³³ “[...] hai fiducia a Dio di rivedermi un giorno fra le tue braccia, come noi tutti lo speriamo.”

³⁴ colocar

³⁵ “Figurati se sarò disgraziato a non trovarti al mio ritorno, l’unico per me è la morte che mi consolerà a venire trovarti all’altro mondo.”

que este combatente tinha verdadeira devoção por sua mãe, motivo que retardou sua ida para o Reino da Itália e que o levou a optar por fugir para este país ao invés de levar ao conhecimento imediato da família sobre sua decisão de ir lutar nos fronts italianos durante a Grande Guerra, evitando lidar principalmente com a tristeza e as tentativas de dissuasão de sua mãe, o que provavelmente surtiriam efeito, segundo os indícios deixados em seu epistolário.

2.2.2.2 *La madre Italia*: O nacionalismo

A intensa troca de correspondências entre o combatente italiano e sua estirpe durante a Grande Guerra possibilitava a continuação dos laços afetivo-familiares e, como resultado, evitava que a distância geográfica existente entre eles possibilitasse um esfacelamento da unidade familiar. Como foi elucidado, Americo Orlando enviou várias missivas para quase toda a sua família: seu pai foi um dos poucos parentes a quem não endereçou diretamente quaisquer cartas ou cartões-postais. Entretanto, a figura paterna não era de forma alguma olvidada por ele, tanto é que constam, em quase todo seu epistolário, a palavra “padre” (*pai*, em português), a expressão “saluti al vecchio” (*saudações ao velho*, em português) ou similares, podendo demonstrar a afetuosidade sentida pelo binômio filho-pai ao mesmo tempo em que se preserva certa distância entre eles (ROSSI, 2007, p. 7 e 8). Neste sentido, como explicar esta ausência de correspondências dirigidas diretamente ao pai?

Uma hipótese levantada por Mario Palmerio (ROSSI, 2007, p. 9, tradução nossa) é a de que:

“O amor do pai não é expresso em palavras; está nos fatos, no comportamento. Enfrentar o risco da trincheira, a submissão à disciplina militar são as verdadeiras maneiras de se ganhar o afeto paterno, que [...] é merecido, ao contrário daquele materno que é voluntário e não há condições. O ser digno do pai consiste em estar no fronte com o fuzil na mão.”³⁶

Esta situação é plausível. Para tanto, é necessário retomar o pensamento da corrente que considera a Grande Guerra como a quarta (e última) luta pela unificação italiana

³⁶ “L’amore verso il padre non si esprime a parole; sta nei fatti, nel comportamento. Affrontare il rischio della trincea, il sottoporsi alla disciplina militare sono la vera maniera di guadagnarsi l’affetto paterno, che [...] va meritato, al contrario di quello materno che è oblativo e non detta condizioni. L’essere degni del padre sta tutto nell’essere al fronte con il fucile in mano”.

(*Risorgimento*), mais como “um processo ao invés de um evento”³⁷ (WILCOX, 2011, p. 283, tradução nossa).

Para uma determinada parcela dos combatentes italianos, lutar na Primeira Guerra Mundial não era facultativo, e sim obrigatório. Era seu dever, como herdeiros diretos do processo iniciado anteriormente por seus pais e/ou avós no *Risorgimento*, finalizar o processo de transformação e unificação da Península Itálica no então Reino da Itália; era, portanto, seu dever para com a sua família. Esta seção das tropas italianas ficou conhecida como “geração de 1915” e era composta por jovens combatentes educados em escolas estatais à luz de uma instrução patriótica em que os grandes feitos e personalidades italianos do passado e do presente eram exaltados (MONDINI, 2014, p. 209). Devido a esta exposição abundante à cultura dos pais fundadores da Nação, foi também denominada como “geração de filhos” (MONDINI, 2014, p. 209).

Apesar de ter sido disseminada mais arduamente entre os rapazes italianos provenientes de famílias mais abastadas, esta visão ética da guerra também era compartilhada, ainda que em menor escala, pelos militares de classes (e também patentes) mais baixas. Em uma carta enviada à sua família em julho de 1915, o jovem cabo Amadeo Rossi afirmou que:

“Todos os dias de hoje em diante sofremos pela pátria. E é nosso dever, assim como as pessoas mais velhas fizeram em tempos passados. E hoje nosso dever espera por nós em direção a nossa bela Itália, e nós não vamos deixá-los nos chamar de covardes mas ao contrário de heróis por todos os tempos da história”³⁸ (ROSSI, Amadeo *apud* WILCOX, 2011, p. 290, tradução nossa).

Apesar de Americo Orlando não expressar diretamente, assim como Rossi, acerca de seu dever de combatente italiano como uma extensão dos atos iniciados no *Risorgimento*, ele parece entender que era sua obrigação, como “defensor da pátria”³⁹ (ROSSI, 2007, p. 29, tradução nossa), libertar as terras irredentas do inimigo, ou seja, do Império Austro-Húngaro. Na carta enviada para sua mãe no dia 31 de abril (*sic*) de 1916, Orlando pede que ela seja corajosa para enfrentar sua ausência em casa e sua fuga para lutar na Grande Guerra na

³⁷ “A process rather than an event”.

³⁸ “Every day today we suffer for the fatherland. And it is our duty, as our old people did in times past. And today our duty awaits for us towards our beautiful Italy, and we shall not let them call us cowards but on the contrary heroes for all time of history.” (N. da A.: É interessante notar que, na tradução da carta de Rossi para o inglês, foi utilizado o termo “fatherland” (pátria-pai), e não “motherland” (pátria-mãe), indicando que o Reino da Itália é uma Nação de pais – no sentindo masculino – fundadores, uma Nação em sua essência patriarcal).

³⁹ “[...] difensore della Patria.”

Europa, pois ela “[...] tem um filho que se encontra defendendo os direitos e a liberdade de seus irmãos que se encontram em solo estrangeiro”⁴⁰ (ROSSI, 2007, p. 48, tradução nossa).

A disseminação deste ódio anti-italiano pelo Império Austro-Húngaro pode ser parcialmente elucidada pela forte propaganda realizada pelo Governo tão bem elaborada que os militares do *front*, em diversas cartas por eles enviadas (inclusive aquelas despachadas no início do conflito), referem-se a esta Nação como um inimigo secular (WILCOX, 2011, p. 290).

Esta é uma das razões pela qual se pode explicar o patriotismo agressivo de Orlando, que demonstra abertamente seu prazer em matar o inimigo, posicionamento raro na literatura de guerra (GIBELLI, 2014, p. 6). Nas correspondências dos soldados, era mais fácil de ser encontrado um patriotismo defensivo, no sentido de proteger e salvaguardar a soberania e os territórios italianos, mesmo aqueles anexados ao Império Austro-Húngaro (WILCOX, 2011, p. 290).

Outra motivação consiste em sua própria afinidade com a identidade nacional italiana. Este é um caso bem interessante de ser analisado.

A imigração italiana para o Brasil ocorreu predominantemente no final do século XIX e no início do século XX, entre 1870 e 1920; o alto número de famílias que chegaram indicava a intenção de estabelecer residência permanente no país (ROSSI, 2007, p. 14). Além do motivo geralmente atribuído a este fluxo, qual seja, a pobreza em que se encontrava o Reino da Itália à época, a falta de ações para inviabilizar a emigração também auxiliou a intensificação da saída de diversos cidadãos italianos de seu próprio país; inclusive, este movimento era até bem visto pela classe dirigente, pois constituía uma “válvula de escape para a paz social” (ROSSI, 2007, p. 14).

O estado de São Paulo recebeu o maior fluxo de imigrantes italianos. Estes, por sua vez, apesar das dificuldades em começar uma nova história de vida em um país completamente desconhecido pela sua maioria, conseguiram se estabelecer bem na cidade de São Paulo e em outras cidades do interior.

Segundo a tradição historiográfica, este movimento pode ser alcunhado como uma “[...] corrente imigratória italiana, mas, na verdade, os indivíduos que deixaram a Itália no período considerado não o fizeram como *italianos*, mas como *vênetos*, *piemonteses*,

⁴⁰ “[...] hai un figlio che si trova a diferendere i diritti e la libertà dei suoi fratelli che si trovano al gioco straniero”.

calabreses, napolitanos, [...] sicilianos”⁴¹ (ROSSI, 2007, p. 16). Em suma, apesar do Reino da Itália ter se unificado territorialmente, o povo ainda não se identificava como pertencentes a uma mesma Nação.

Este sentimento de nacionalismo começou a despontar nos imigrantes italianos e em seus descendentes radicados em São Paulo com a paulatina “necessidade de uma presença coletiva” (ROSSI, 2007, p. 17, tradução nossa), que colocou em segundo plano os antigos antagonismos, diferenças regionais e preconceitos; portanto, não só começaram a se ver como italianos, mas também assim eram reconhecidos pelos próprios brasileiros (ROSSI, 2007, p. 16-18). É o que se chama de *italianità*, que curiosamente se formou antes em solo estrangeiro do que na própria Península Itálica (ROSSI, 2007, p. 18).

Ressalta-se que a identidade nacional não anulou de forma alguma a identidade regional, mas foram tomadas providências para que as unidades (cultural e linguística) italianas se consolidassem entre este povo no território paulista, como, por exemplo, a “[...] criação de associações recreativas e esportivas, de espaços institucionais, de escolas e publicações em língua italiana”⁴² (ROSSI, 2007, p. 18, tradução nossa).

Foi neste contexto que nasceu e foi criado Americo Orlando, que, aliado às lembranças de seus pais e irmãos mais velhos, ao trabalho no “Fanfulla” e à moradia de dois anos no Reino da Itália, foi tomado por um sentimento nacionalista que culminou com sua fuga para lutar na Grande Guerra voluntariamente. Inclusive, na primeira carta que envia para sua família, datada de 22 de julho de 1915, ele afirma que seu “[...] pensamento sempre fora aquele de ir para a Itália”⁴³ (ORLANDO, Americo *apud* ROSSI, 2007, p. 24, tradução nossa).

Diante do exposto, o patriotismo agressivo de Orlando pode ser em grande parte explicado pela união destes dois fatores: o ódio pelo Império Austro-Húngaro e amor pelo Reino da Itália. Em várias cartas, ele demonstra este posicionamento, principalmente quando relata a seus familiares sobre as batalhas em que participa ativamente. Em 15 de maio de 1916, escreve à sua irmã que: “aqui a nós è um divertimento ver os austriacos pular pelos ares pedaços dos nossos golpes de canhão que arrebebtam nas suas trinsceras” (ORLANDO, Americo *apud* GIBELLI, 2014, p. 6).

⁴¹ “[...] corrente immigratoria italiana, ma, in verità, gli individui che lasciarono l’Italia nel periodo considerato non lo fecero come *italiani*, ma come *veneti, piemontesi, napoletani, [...] siciliani*.”

⁴² “[...] criação de associações recreativas e sportive, di spazi istituzionali, di scuole e pubblicazioni in lingua italiana.”

⁴³ “[...] pensiero è sempre stato quello di andare in Italia.”

Ao longo de toda esta exposição, viu-se a importância do nacionalismo italiano no contexto da Grande Guerra e na explicação da ausência de cartas de Americo Orlando destinada a seu pai. Entretanto, há uma importante pergunta a ser feita: o que é uma Nação?

Conceituar o termo “Nação” não é uma tarefa fácil. Um autor que se propõe a tentar apreender este termo de uma maneira mais concreta e profunda é Benedict Anderson. Ele sugere a seguinte definição para “Nação”: “comunidade política imaginada [...] ao mesmo tempo como intrinsecamente limitada e soberana” (ANDERSON, 2005, p. 25). Dessa forma, há quatro termos que ele investiga isoladamente para que se possa chegar a um todo: comunidade, imaginada, limitada e soberana.

A Nação é uma comunidade pois, “independente da desigualdade e da exploração reais que possam prevalecer em cada uma das nações, é sempre concebida como uma agremiação horizontal e profunda” (ANDERSON, 2005, p. 27); é imaginada pois os seus membros “[...] nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da comunhão” (ANDERSON, 2005, p. 25); é limitada pois “até a maior das nações [...] tem fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais se situam outras nações” (ANDERSON, 2005, p. 26) e, por fim, é soberana, pois “as nações anseiam por ser livres, e ainda que sujeitas a Deus, por ser diretamente livres” (ANDERSON, 2005, p. 27).

No caso do Reino da Itália, percebe-se o quão complicado era a construção do nacionalismo, da própria identificação nacional una, devido ao fato de que a Península Itália era um conglomerado de Reinos e Ducados - cada um com sua própria cultura, idioma, população e modo de governar - que se viram unidos em um período inferior a cem anos e, acima de tudo, necessitando olhar para o outro e encontrar esta comunhão, nos dizeres de Anderson. Esta situação perdura até os dias de hoje na consolidada República Italiana, mesmo que mais atenuada do que o período do *Risorgimento*.

Apesar de tudo, “é essa fraternidade que torna possível que, nos dois últimos séculos, tantos milhões de pessoas [...] quisessem morrer por imaginários tão limitados” (ANDERSON, 2005, p. 27). É isto que motivou – ainda que parcialmente – Americo Orlando, seus parentes e amigos parentes que lutaram na Grande Guerra e os jovens intervencionistas, a morrerem pelo Reino da Itália, apesar da brutalidade da guerra e do cotidiano degradante das trincheiras durante os três anos de intensa batalha com o inimigo. É isto que o fascismo de Benito Mussolini se aproveitou e manipulou para que este regime pudesse ascender.

Ademais, estava disseminado que a guerra seria de curta duração, encerrando-se, provavelmente, no mais tardar, até o final de 1915. Não é de se estranhar, portanto, que ele

pretende, na maioria de seu epistolário, brevemente estar em casa, de volta à vida que levava em São Paulo, mas principalmente estaria nos braços da mãe, junto a seus irmãos e ao aconchego familiar. Se ele soubesse que a Grande Guerra, ao contrário do esperado, iria perdurar durante longos e árduos três (no caso italiano, quatro, no caso geral) anos, ele teria fugido para o continente europeu visando se alistar no front italiano, abandonando tudo e todos que conhecia?

Apesar de exaltar a vida militar e o orgulho que sentia ao lutar pela causa que acreditava piamente (que inclusive lhe fazia sentir melhor do que quando estava em casa nos tempos de paz, tanto no sentido físico quanto mental), deixou transparecer as dúvidas que sentiu sobre sua decisão de ter ido lutar na Grande Guerra, se realmente foi algo que valeu a pena. Isto pode ser percebido nas cartas de 30 de janeiro de 1916 e 30 de maio de 1917, a seguir transcritas:

“Tem razão, querida mãe, que na primeira fotografia estava sempre com o rosto contente e bem e agora, como você imaginou, não estou mais contente como outrora, motivo pelo qual choro sempre de estar longe e de medo de não retornar nunca mais para te rever, porque agora já se passaram 7 meses que Deus me agraciou de estar ainda vivo, sob milhares de perigo que já passaram, e aos quais não sei quanto devo passar mais ainda. Por isso, cara mamãe, como nunca devo estar contente sob o terrível perigo de morte que passei e devo passar uma outra vez senão não acabar a guerra. Imagina como estou infeliz, agora que já é muito e a guerra não acabou ainda”⁴⁴ (ORLANDO, Americo *apud* ROSSI, 2007, p. 34, tradução nossa).

“É verdade querida mãe que estou impaciente pela longa distância sem conforto neste momento que se trata da vida ou da morte, mas o que fazer, quis eu voluntariamente, não devo me lamentar, mas deve bem entender que era jovem e não sabia o que fazia, agora que sou homem entendo bem a aventura que me misturei, errei muito ao haver sacrificado vocês, que, sem a minha ajuda, sofrem, mas o que fazer, espero sempre que Deus te ajudará porque o mesmo deverá reconhecer que eu sacrifiquei a família pelo direito e civilidade e por um dia todo o mundo viver bem, assim o Senhor deverá me perdoar”⁴⁵ (ORLANDO, Americo *apud* ROSSI, 2007, p. 104, tradução nossa).

⁴⁴ “Hai ragione cara madre che alla prima fotografia ero sempre col viso contento e bene e ora già, lo hai figurato, non sto più contento come una volta, motivo che piango sempre di essere lontano e di paura di non ritornare mai più a riverderti, perché oramai già sono 7 mesi che Dio mi ha dato la grazia di essere ancora vivo, sotto migliaia di pericolo che già sono passato, e ai quali non so quanto deberò passare ancora. Perciò cara mamma come mai debbo essere contento sotto il terribile pericolo di morte che sono passato e ne dovrei passare ancora altre se non finirà la guerra. Figurati come sono scontento, oramai già è molto e la guerra ancora non è finita.”

⁴⁵ “È vero cara madre che mi trovo impaziente per la lunga lontananza senza conforto in questo momento che si tratta della vita o della morte, ma che fare, ho voluto io volontariamente, non dovrei lagnarmi ma bene lo devi capire ero ragazzo non sapevo che facevo, ora che sono uomo capisco bene all'avventura che mi sono mescolato, ho fatto molto torto di avere sacrificato brutalmente voi altri che senza il mio aiuto soffrite, ma che fare, spero sempre che Dio ti aiuterà perché il medesimo dovrà riconoscere che io ho sacrificato la famiglia per il diritto e civiltà e per un giorno tutto il mondo vivere bene, così il Signore dovrà perdonarmi.”

Por fim, nota-se que a figura do soldado italiano era valorizada, ele sim um “homem de verdade”; era uma honra ter um parente, principalmente um filho, lutando para garantir a soberania italiana perante o Império Austro-Húngaro, disposto a morrer pela pátria, caso necessário. Na literatura de guerra, entretanto, encontram-se os “outros”, ou seja, os homens italianos que não estavam lutando diretamente nos *fronts*, não tendo se alistado ou sido convocados para atender em outros locais, como nos hospitais militares. Os combatentes os consideravam covardes e desprezíveis (MONDINI, 2014, p. 310). Também há a questão da deserção, que, mais do que punida legalmente (normalmente a punição era a morte por fuzilamento), não era bem vista pelos olhos morais dos combatentes. Entretanto, ao mesmo tempo em que “a covardia deles é condenada, sua segurança era invejada”⁴⁶ (MONDINI, 2014, p. 322, tradução nossa). Os “homens de verdade” também ansiavam pela segurança e pela liberdade, mas, antes disto acontecer, tinham um dever maior com a Itália e com suas famílias. A liberdade só seria atingida com o fim da guerra ou com a morte em batalha.

Orlando, na carta de “31 de abril” aborda esta situação:

“Portanto, cara mãe, me dizes que retornam muitos soldados de repente, mas eu não posso entender como eles fazem para retornar ou creio que eles desertaram. Eu, cara mãe, não posso retornar se a guerra não acabar, esperemos a Deus que acabará logo, assim poderei retornar ao teu seio para poder te abraçar de novo depois de tantos meses longe de você, porque desertar eu jamais farei. Trair a Itália será uma covardia como fizeram vários soldados. Eu ao contrário não, melhor morrer e não trair as três cores”⁴⁷ (ORLANDO, Americo *apud* ROSSI, 2007, p. 48, tradução nossa).

Ao fim e ao cabo desta análise do aspecto nacionalista do epistolário de Americo Orlando, verifica-se a magnitude do amor que sentia pela *madre Italia*, tão intenso e profundo quando o que sentia pela sua *madre vera*. Este amor, por sua vez, não foi capaz de impedir que ele atravessasse o Oceano Atlântico para chegar ao Reino da Itália, alistar-se voluntariamente em suas fileiras e lutar (e morrer) na guerra pela causa que acreditava, ao contrário de muitos outros combatentes que foram obrigados pelo Estado a servir nos *fronts* para conter a invasão austro-húngara no território italiano e avançar para conquistar as províncias irredentas.

⁴⁶ “Their cowardice is condemned, their safety is envied.”

⁴⁷ “Dunque cara madre mi dici che retorna molti soldati all’improvviso, ma io non mi posso fare capire come hanno fatto ritornare oppure credo che hanno disertato. Io cara madre non posso ritornare se la guerra non finisce, speriamo a Dio che finirà presto, così potrei ritornare al tuo seno per poterti riabbracciarti dopo tanti mesi lontano da te, perché io disertare mai lo farò. Tradire l’Italia sarà un vigliacco come hanno fatto vari soldati. Io invece no, meglio morire e non tradire i tre collori.”

3 DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA

A Grande Guerra envolveu milhões de italianos e seus descendentes neste conflito, desde os que lutaram diretamente com o inimigo nas trincheiras até os que ordenavam de seus longínquos gabinetes, ocupantes dos cargos de mais alto escalão na hierarquia militar italiana. Mesmo assim, apenas a literatura de guerra escrita por oficiais foi valorizada pela sociedade à época, pois, como foi dito anteriormente, concebiam os soldados como indivíduos que não sentiam a guerra, apenas eram máquinas de combate. Ainda assim, é visível que a maioria delas exaltava o nacionalismo italiano, fruto de intensa propaganda fascista para se firmar no poder.

Durante anos, as vozes dos combatentes foram caladas ou rapidamente suprimidas pelo fascismo. Com o fim da Segunda Guerra Mundial (e a conseqüente queda de Benito Mussolini e seu regime) e a popularização da micro-história, este quadro começou a mudar. As percepções dos soldados foram levadas em consideração e se percebeu que algumas eram, inclusive, divergentes do que era propagado até então: existiam soldados que foram obrigados e não entendiam o porquê (ou pelo quê) de lutar nas trincheiras italianas; existiam aqueles que desertaram; existiam aqueles que não viam glória no auto sacrifício. Concomitantemente, havia aqueles que acreditavam em um ideal nacionalista italiano e que em seu nome lutavam, havia aqueles que lutavam para mostrar virilidade para suas famílias. Em suma, ao contrário do que era disseminado por Omodeo, os soldados também sentiam a guerra, semelhantemente aos oficiais e aos civis.

Para explorar outros pontos de vista dos combatentes italianos na Grande Guerra à luz da literatura de guerra, será utilizado “The construction of a Masculine Warrior Ideal in the Italian Narratives of the First World War” (*A construção de um guerreiro masculino ideal nas narrativas italianas da Primeira Guerra Mundial*, em português), de Marco Mondini e “Encountering Italy: Military Service and National Identity during the First World War” (*Encontrando a Itália: Serviço militar e identidade nacional durante a Primeira Guerra Mundial*, em português), de Vanda Wilcox.

Um dos problemas no estudo das cartas dos combatentes italianos na Grande Guerra é justamente o que já foi largamente discutido neste trabalho: por anos, as correspondências deles foram ignoradas pela sociedade italiana, grande parte devido aos ideais fascistas. Entretanto, quando os epistolários foram finalmente objetos de discussão no âmbito historiográfico, viu-se que as opiniões divergiam em muito.

O ideal nacionalista, aquele de se lutar pela *madre Italia* visando libertar as províncias irredentas não era compartilhada por todos, sendo impopular entre as classes mais baixas. Assim, o ideal de Americo Orlando era fruto muito mais de sua subjetividade do que de algo disseminado entre seus pares. Tanto é que ele foi o único homem de sua família (considerando seus pais e irmãos) a se alistar nos fronts italianos. Segundo Wilcox (2011, p. 284, tradução nossa):

“É um truísmo que a identidade nacional era fraca entre a classe trabalhadora e o campesinato antes de 1915 e muitos historiadores explicaram que a experiência na Grande Guerra como uma vez caracterizada totalmente pela repressão, dado que não havia nenhum sentimento patriótico”⁴⁸.

Portanto, os soldados lutavam, não porque eram tomados por um sentimento moral, e sim porque eram obrigados; enfatizou-se, após a Segunda Guerra Mundial, a hostilidade popular e a indiferenças dos combatentes pelas lutas travadas na Grande Guerra.

Estas cartas, além de serem reguladas pelo governo italiano, também encontraram óbice na censura militar postal e na autocensura por eles mesmos impostos. Nesse sentido, se nem todos eram a favor do embate em nome do nacionalismo, também não viam glória e honra em se morrer nas batalhas. Esclarece Mondini (2014, p. 326, tradução nossa) que:

“Isto não quer dizer, entretanto, que as cartas não ocasionalmente continham aclamações polêmicas contra a inutilidade da morte como uma imolação ideal e sacrificial, mas a censura militar, a própria autocensura dos soldados, as expectativas dos parentes em casa, e a pressão das famílias desprovidas que dependiam do alegado valor de seus filhos caídos para seus lutos e orgulho póstumo, funcionaram como um filtro severo, banindo da circulação pública cartas e diários que contradiziam a retórica dominante de consolação e orgulho em uma ‘morte digna’”⁴⁹.

Outra consequência é a falta de identificação das províncias irredentas como tais. Para estes combatentes, o objetivo italiano da Grande Guerra não era libertá-las, e sim conquista-las: “os homens viam as zonas de guerra como definitivamente ‘não Itália’ enquanto ir para casa no retorno era ‘ir para a Itália’: alguns até endereçavam suas cartas

⁴⁸ “It is a truism that national identity was weak among the working classes and the peasantry before 1915 and many historians have explained the experience of the Great War as one characterized wholly by repression, since there was no genuine patriotic feeling.”

⁴⁹ “This is not to say, however, that letters might not occasionally contain polemical rants against the worthlessness of death as an ideal and sacrificial immolation, but military censorship, the soldiers’ own self-censorship, the expectations of relatives at home, and the pressure of bereft families depending on the alleged valour of their fallen children for their mourning and posthumous pride, functioned as a severe filter, banning from public circulation letters and diaries that contradicted the dominant rhetoric of consolation and pride in a ‘worthy death’”.

como das linhas de frente da ‘Áustria’”⁵⁰ (WILCOX, 2011, p. 291, tradução nossa). Wilcox cita como exemplo Cesare Menghi, que ficou revoltado com a comemoração italiana quando houve a conquista de Gorizia: “Em 15 de agosto, ele escreveu a sua irmã: ‘Aqui em cima nós estamos consumidos pela raiva em ouvir que na Itália eles estão celebrando a captura de Gorizia e soando os sinos eles deveriam estar envergonhados’”⁵¹ (WILCOX, 2011, p. 291, tradução nossa).

Se para estes combatentes nada parecia valer a pena em relação a se lutar na Grande Guerra, será que ainda pode se pensar que estes combatentes também contribuíram para o processo de identificação nacional italiana?

Para Wilcox, a *italianità* ocorreu não por meio da disseminação de ideais nacionalistas, nem pelos objetivos pretendidos com esta série de batalhas. Para ela, mais importante do que tudo isso, foi a experiência do serviço militar em tempos de guerra, que reuniu diversos soldados dos mais diversos lugares, que ajudou os italianos a se sentirem como italianos e a reconhecerem outros indivíduos e locais como também pertencentes a mesma matriz italiana (WILCOX, 2011, p. 291 e 292).

⁵⁰ “Men saw the war zone as definitely ‘not Italy’ whereas going home on leave was ‘going into Italy’: some even headed their letters from the front line ‘Austria’”.

⁵¹ “On 15 August he wrote to his sister ‘Up here we are devoured with rage to hear that in Italy they are celebrating the capture of Gorizia and ringing the bells they should be ashamed.’”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve como objetivo discutir as percepções da Grande Guerra pelos combatentes do *front* italiano a partir do epistolário de Americo Orlando. Reitera-se que não se pretendeu, em nenhum momento, alcançar a verdade absoluta sobre a temática, nem ao menos chegar a somente uma única conclusão, mas tentar instigar uma reflexão sobre indivíduos que tiveram suas opiniões sobre este conflito ignoradas durante muitos anos.

Para instigar esta reflexão, perpassou-se, no primeiro capítulo, pelo contexto geral da Primeira Guerra Mundial, focando na participação italiana no evento, primeiramente fazendo uma breve retrospectiva sobre os eventos do *Risorgimento*, chegando ao pacto com a Tríplice Entente, à entrada da Itália no conflito, as principais batalhas no fronte isontino, as consequências do fim do conflito para esta Nação e uma breve explicação sobre a participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial.

No segundo capítulo, o epistolário de Americo Orlando no livro *Mia cara mamma: Lettere dal fronte* foi analisado, destacando o relacionamento entre mãe e filho nesta época e a construção do nacionalismo e do guerreiro ideal italiano.

No terceiro capítulo, foi feita uma brevíssima discussão historiográfica sobre outras percepções dos combatentes italianos e de que maneira ela colaborou para a formação da identidade nacional no Reino da Itália e posterior República Italiana.

Destaca-se que foi muito significativo utilizar as cartas e cartões-postais de Americo Orlando como paradigma para realizar o estudo deste trabalho, uma vez que seu juízo sobre este evento transita entre as percepções dos combatentes comuns e dos oficiais, como as cartas em que escreve à mãe relatando um possível arrependimento, mas que não poderia sair do conflito até que este se findasse: era seu dever como defensor da pátria.

Na mesma fronteira está seu relacionamento com a mãe, pois, apesar de possuir muitas características da *madre risorgimentale*, demonstrando por Eleonora Scioli uma verdadeira e eterna devoção, a ponto de atrasar seu maior sonho (ir para a Itália) para que com ela pudesse estar, também tenta convencê-la de seus motivos para estar lutando, a destarte do esforço materno para que volte à sua cidade de origem, o que indica tipificações da mãe da Grande Guerra.

O ideal nacionalista italiano, por sua vez, é fortificado pelos meios educacionais, com a educação patriótica das escolas italianas à época, assim como também pela vivência e experiência de guerra coletivas, por mais que os combatentes não vejam razões para lutar na

Grande Guerra. O caso de Orlando é raro: este ideal parece ter sido construído subjetivamente a partir de simples exposições à Nação italiana, devido principalmente ao fato de que sua família é originária deste país. Assim, ele, um soldado que advém de uma família de origem humilde, possuía ideais nacionalistas tão intensos quanto os intervencionistas cujas famílias eram abastadas.

Diversos são os posicionamentos dos combatentes italianos em relação ao conflito: também se encontram na literatura de guerra aqueles que foram obrigados a lutar, não pelo impulso moral, e sim porque foram coagidos pelo governo. Em geral, não viam razões para estarem lutando nas trincheiras, sacrificando suas próprias vidas para ampliar um território que eles não consideravam como pertencentes à Itália. Mesmo assim, a experiência de guerra (que os obrigou a conviver com indivíduos de várias regiões e comunas), mais do que o sentimento nacionalista, auxiliou-os neste processo contribuição à formação da identidade nacional.

Finalmente, frisa-se que, por mais que a Grande Guerra tenha contribuído em prol da identidade nacional italiana, este processo não chegou ao fim: ainda há muito que se discutir acerca do que é ser italiano, de como ocorre o reconhecimento de outros indivíduos como tal, não só no âmbito histórico, mas em muitos outros. Semelhantemente, merece atenção as numerosas pesquisas que podem ser realizadas utilizando como fonte primária as cartas dos combatentes italianos escritas durante a Grande Guerra, pois, além de terem sido desconsideradas durante um longo período, no Brasil, a escolha deste tema como objeto de investigação ainda é escassa, apesar da grande influência da cultura italiana no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A GRANDE guerra. Direção: Mario Monicelli. Itália/França: 1959. 1 DVD (135 min).

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1.

BERTONHA, João Fábio. *A Primeira Guerra Mundial: O conflito que mudou o mundo (1914-1918)*. Maringá: Eduem, 2011.

_____. *Os italianos*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história das guerras*. São Paulo: Fundamento Educacional Ltda., 2014.

CASTRIGNANÒ, Vito Luigi. *Imparare l'italiano in trincea: lettere di un semicolto dal fronte della "Grande guerra" (1917/18)*. Disponível em: <http://www.academia.edu/8526505/V._L._CASTRIGNAN%C3%92_Imparare_l_italiano_in_trincea_letters_di_un_semicolto_dal_frente_della_Grande_guerra_1917_18_in_La_lingua_variabile_nei_testi_letterari_artistici_e_funzionali_contemporanei._Atti_del_XIII_congresso_SILFI_Palermo_CSFLS_2014_ISBN_978-88-96312-56-8_>. Acesso em: 2 nov. 2015.

CERVI, Mario; MONTANELLI Indro. *Due secoli di guerre*. Novara: Nuova, 1981. v. 7.

CLARK, Christopher. *Os sonâmbulos: Como eclodiu a Primeira Guerra Mundial*. Companhia das Letras, São Paulo: 2014.

COLOMBARA, Filippo. Operai e contadini in trincea: Lettere, diari e racconti. In: *Patria Independente*, Roma, n. 10-11, 2008. Disponível em: <http://anpi.it/media/uploads/patria/2008/10-11/13-18_COLOMBARA.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2015.

D'AMELIA, Marina. *La mamma*. Bolonha: Il Mulino, 2011. E-Book.

CROCE, Benedetto. *Storia d'Italia dal 1871 a 1915*. Roma-Bari: Laterza, 1973.

GIBELLI, Antonio. *La guerra grande: Storie di gente comune*. Roma-Bari: Laterna, 2014.

_____. Una frase, un rigo a penna: Parole conquistate in trincea. *Corriere della Sera*, Milão, 7 mai. 2012. Disponível em: <http://www.corriere.it/cultura/eventi/2012/posta/notizie/gibelli-memoria_82d8781e-9856-11e1-b99c-a30fdbaea52f.shtml>. Acesso em: 30 set. 2015.

GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: *O fio e os rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIUSEPPE, Leonardi. *Note per un corso sulla Storia della Congregazione delle Scuole di Carità*. Kinshasa: 2007. Disponível em: <http://www.cavanis.org/noticias/noticias_file/04%20Note%20per%20un%20curso%20sulla%20Storia%20della%20Congregazione%20Cavanis.pdf>. Acesso em: 13 set. 2015.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 5.

HANNA, Martha: *War letters: Communication between front and home front*. Berlim, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15463/ie1418.10362>>. Acesso em: 30 set. 2015.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios (1875-1914)*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ISONZO. In: *DIZIONARIO di Storia*, 2010. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/isonzo_\(Dizionario-di-Storia\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/isonzo_(Dizionario-di-Storia)/>). Acesso em: 2 set. 2015.

LA PRIMA Guerra Mundial e la censura delle comunicazioni, 2014. Disponível em: <http://www.utecinisellobalsamo.it/Dispense/scientifica/2014_breve_storia_delle_comunicazioni/dispensa_guerra_censura15_18.pdf>. Acesso em: 11 out. 2015.

LEOTTA, Sebastiano. La Guerra degli ultimi. Lettere e memorie dal fronte 1915-1918. *Il BO*, Padova, 19 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.unipd.it/ilbo/content/la-guerra-degli-ultimi-lettere-e-memorie-dal-fronte-1915-1918>>. Acesso em: 10 out. 2015.

MAMMISMO. In: *IL SABATINI Coletti: Dizionario della Lingua Italiana*, 2011. Disponível em: <http://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/M/mammismo.shtml>. Acesso em: 18 out. 2015.

MESQUITA, Julio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: Terceiro Nome, 2002. 4 v.

_____. 1 CD.

MONDINI, Marco. The construction of a masculine warrior ideal in the Italian narratives of the First World War, 1915-68. *Contemporary European History*, Cambridge, v. 23, n. 3, p. 307-327, 2014. Acesso em: 5 set. 2015.

MONTEIRO, Marcelo. *U-93: A entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial*. Porto Alegre: BesouroBox, 2014.

PASTORE, Fortunato. O primeiro ano - Do início da Itália no conflito: 6 de agosto de 1914 a 5 de julho de 1915. In: MESQUITA, Julio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: Terceiro Nome, 2002. 4 v.

_____. O quarto ano – Do ataque a Riga até o fim do conflito: 9 de julho de 1917 a 14 de outubro de 1918. In: MESQUITA, Julio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: Terceiro Nome, 2002. 4 v.

PIRES, Livia Claro. A Liga Brasileira pelos Aliados e o Brasil na Primeira Guerra Mundial. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. *Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH – Associação Nacional dos Professores Universitários de História*. São Paulo: ANPUH – SP, 2011. Disponível em:

<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308163763_ARQUIVO_apresentacao.pdf>. Acesso em: 20 set. 2015.

PRESSE, Agence France-. *A Primeira Guerra Mundial em números*. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2014/06/28/interna_internacional,542894/a-primeira-guerra-mundial-em-numeros.shtml> 28/6/2014>. Acesso em: 15 set. 2015.

ROSSI, Mirian Silva. *Mia cara mamma: Lettere dal fronte*. Pescara: Stampa Linea Blu, 2007.

TAYLOR, A. J. P. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILCOX, Vanda. Encountering Italy: Military service and national identity during the First World War. *Bulletin of Italian Politics*, Glasgow, v. 3, n. 2, p. 283-302, 2011.

WWI casualty and death tables, 1996. Disponível em: <https://www.pbs.org/greatwar/resources/casdeath_pop.html>. Acesso em: 29 set. 2015.

ANEXO A – DOCUMENTAÇÃO UTILIZADA NESTE TRABALHO

CARTA 1: 22 de julho de 1915, Americo Orlando para Antonia, de Rio de Janeiro (Brasil) para São Paulo (Brasil).

Rio de Janeiro, 22 luglio 1915

Cara cognata,

Scrivo queste poche righe per informarvi del perfetto stato della mia salute. Il mio pensiero è sempre stato quello di andare in Italia.

Così, chiedo perdono a mia madre e ai miei fratelli. Dici a mia madre di non piangere per me che io il più presto possibile tornerò assieme a lei. Dici che ho fatto questa cattiveria per salvarmi da qualche eventualità nel futuro.

Sono partito con il 'Tomaso di Savoia' il quale mi condurrà felice in Italia.

Dici a mia madre di andare il giorno 1 di agosto al Comité Pro Patria che là lei riceve tutti i mesi 60 o 70 mila Reis.

Se per caso venisse una ragazza chiamata Santina dall'Aglio chiedo il favore di darle questa piccola informazione.

Tanti baci alla mia cara mamma, a mio padre, miei fratelli, nipoti e cognate, come anche a Lei e a tutti quelli che domandano di me.

Fonte: ROSSI, Mirian Silva. *Mia cara mamma: Lettere dal fronte*. Pescara: Stampa Linea Blu, 2007. p. 24.

CARTA 2: 13 de agosto de 1915, Americo Orlando para Eleonora Scioli, de Guardiagrele (Itália) para São Paulo (Brasil).

Guardiagrele, 13 agosto 1915

Carissima madre

Ti fo' sapere che sono a Guardiagrele e sono stato a Castellamare a mia zia a quale i suoi figli Costantino e Vicenzino, dopo di aver stato 17 mesi alla guerra di Tripoli, sono stati ricchiamati e ora si trovano alla guerra con l'Austria. Giustino è morto di malattia di angina, Minotti si è ammogliato con una napolitana e sta bene. Alfredo deve essere chiamato alla guerra al mese di settembre, e ti fo' anche sapere che tua madre Maria Luigia è morta a Miglianico, un anno fa, e le tue altre sorelle sono pure morti.

Dunque cara madre io ancora non so se faccio il soldato. Non appena saprò la certezza ti scrivo, e se non lo farò, tornerò immediatamente a São Paulo.

Io sto alla casa di Nicolino fino che ho la certezza se fo' il soldato o no.

A Guardiagrele sono venuti tutti i miei fratelli cugini per andare in guerra e così a Guardiagrele no ci sono nessuno dei uomini, sole donne. I fratelli di papa stanno tutti bene.

Ti mandano tanti saluti Filomena Marone, Carmena Baptista e tanti altri. Due figli di Carmena Baptista sono morti, il due giovanetti.

Tutti i compagni di Luigino, mio fratello, gli mandano tanti saluti e anche saluti a Almerinda e le sue compagne.

Guardiagrele si è fatta bella e molte altre cose di nuove.

Dunque cara madre ti cerco perdono di io essermene andato in Italia, ma presto ritornerò e saremo felice.

Tanti saluti ai miei fratelli, ai miei compagni e così come a te, tanti baci dal tuo figlio Americo. Madre subito che io ti mando l'indirizzo ti prego di scrivermi per farmi star contento.

Saluti di tuo figlio Americo

Fonte: ROSSI, Mirian Silva. *Mia cara mamma: Lettere dal fronte*. Pescara: Stampa Linea Blu, 2007. p. 25.

CARTA 3: 2 de janeiro de 1916, Americo Orlando para Eleonora Scioli, da Zona de Guerra (Itália) para São Paulo (Brasil).

Zona di guerra, 2 gennaio 1916

Carissima madre

Non puoi figurarti che altra grande gioia e contentezza di ricevere la tua cara e seconda lettera. Al medesimo tempo ho ricevuto una cartolina illustrata del teatro Municipale che mi è inviata la cognata Antonia. Mi dispiace molto che non ho ricevuto la sua lettera col cheque, dici a lei per reclamare alla banca, perché sono certo che non la riceverò più, per essere l'indirizzo di Sulmona. Cara madre in quanto alla moneta che mi hai inviato, nemmeno la ho ricevuta per essere il medesimo indirizzo di Sulmona oppure di Spinea. Mi hanno cambiato di reggto al 14° Fanteria, puoi stare sicura che non la riceverò più, e si è assicurata tornerà indietro.

Dunque cara madre, di oggi in avanti quando vuoi spedirmi moneta per io stare sicuro di riceverla, spedisce a Guardiagrele a mio cugino Antonio Orlando figlio di Giuseppe Mastrestretto. Il suo indirizzo è così: Al Signore Antonio Orlando di Giuseppe - Guardiagrele - Provincia Chieti - Italia.

Così cara madre lui me la spedirà. In quanto alle lettere, invii diretto a me sempre con questo indirizzo: Al soldato Orlando Americo - 14o Reggto Fanteria - 8a Compagnia - Zona di Guerra - Italia.

Cara madre non puoi figurarti come sto contento che stai tranquilla, che stai bene di salute coi miei fratelli, così ti assicuro mille volte di me. Non fo' altro di scrivere ogni due o tre giorni, così spero di te.

Tanti saluti al vecchio, a Luigino e dici a lui di fare sempre l'amore con pane e banane. Uno abbraccio a Almerinda. Spero di trovarla una abile sarta al mio ritorno. Tanti saluti ai miei fratelli con le loro famiglie.

*Uno affezionatissimo abbraccio di tuo estimado figlio
Americo Orlando
Il difensore della Patria*

*Un altro affezionatissimo saluto di tuo sempre figlio Americo.
Tanti saluti a Francesco Russo, con suo figlio Nicolino, moglie e altri figli.
Tanti saluti alla famiglia d'Imperio.
Tanti saluti a tutti i miei amici.*

Fonte: ROSSI, Mirian Silva. *Mia cara mamma: Lettere dal fronte*. Pescara: Stampa Linea Blu, 2007. p. 29.

CARTA 4: 4 de janeiro de 1916, Eleonora Scioli para Americo Orlando, de São Paulo (Brasil) para Zona de Guerra (Itália).

S. Paolo, 4 gennaio 1916

Mio amatissimo figlio

Non so con quale parole debbo manifestarti il dispiacere che ho avuto nel sentire che da quando tu sei partito non hai ancora ricevuto una nostra notizia figlio benedetto. Io ti ho scritto chissà quante lettere come pure la tua cognata ti mandò la moneta ed ora ci è ritornata una altra volta. Come la brutta fortuna vuole così che non fartela ricevere. Non riposo ne notte e ne giorno pensando sempre a te, figlio mio caro. Come dice che noi ne siamo dimenticati di te, vorrei farti essere di nascosto per farti sentire che il tuo nome è sempre nelle mie labbra come pure nelle dei tuoi fratelli e di tua cara sorella. Notte giorno noi parliamo sempre di te e prego la "Nossa Senhora da Penha" che presto mi deve fare la grazie di farti venire un'altra volta nei miei bracci. Caro figlio io ti mandai la moneta e spero che l'avessi ricevuto e come pure spero che questa lettera la ricevesti presto presto per consolarti. Anche tu come noi ne consoliamo qui quando riceviamo le tue care lettere. Caro figlio però l'ultima tua lettera mi ha fatto piangere e piango sempre il giorno di capo d'anno, per noi è stato un giorno triste. Tutti piangevamo, perché le tue parole hanno afflitto troppo ma ripeto, spero che ne avessi ricevuto qualcuna.

Non altro figlio mio non mi stancherei mai di parlare, non so co' stessa che dire per eserti vicino, dunque saluti di tutta la famiglia, da parte Luigino, Almerinda ti bacia con affetto, tutti i nipotini ti abbracciano come pure ti salutano tutti gli amici, ed a me figlio caro ti strinco e ti bacio forte forte dandoti la S.B. e abbracciandoti nuovamente al mio seno credemi la tua affezionatissima mamma

Eleonora Scioli

Tanti saluti ti manda il meccanico, lui ti ha scritto mandandoti anche la moneta.

Spero che la hai ricevuta e che gli farai presto risposta che vuole mandarti qualche altra cosa. Tutti saluti dai tuoi fratelli con le loro mogli. Ti bacio di nuovo.

Fonte: ROSSI, Mirian Silva. *Mia cara mamma: Lettere dal fronte*. Pescara: Stampa Linea Blu, 2007. p. 30.

CARTA 5: 30 de janeiro de 1916, Americo Orlando para Eleonora Scioli, da Zona de Guerra (Itália) para São Paulo (Brasil).

Zona di Guerra, 30 gennaio 1916

Carissima mamma

Non puoi figurare che allegria e contentezza di ricevere la tua cara lettera colla data 15-12-916, e sentire che godi di buona salute, così ti assicuro di me sempre bene grazia a Dio.

Anche io sono rimasto contento che hai ricevuto la mia fotografia. È vero cara madre che sono diventato più seccho e magro e poi il giorno che ho fatto la fotografia avevo sortito dall'ospedale e non stavo ancora per bene guarito. Ora grazia a Dio mi trovo forte. Hai ragione cara madre che alla prima fotografia ero sempre col viso contento e bene e ora già, lo hai figurato, non sto più contento come una volta, motivo che piango sempre di essere lontano e di paura di non ritornare mai più a rivederti, perché oramai già sono 7 mesi che Dio mi ha dato la grazia di essere ancora vivo, sotto migliaia di pericolo che già sono passato, e ai quali non so quanto deverò passare ancora. Perciò cara mamma come mai debbo essere contento sotto il terribile pericolo di morte che sono passato e ne dovrei passare ancora altre se non finerà la guerra. Figurati come sono scontento, oramai già è molto e la guerra ancora non è finita.

Mi dispiace cara madre di andarti a dire che io sto scontento perché in primo luogo non saprò se te faranno ricevere questa lettera a causa della censura, perché io ti mando a dire queste parole e il governo non permette che io ti scrivo che mi trovo scontento, perciò spero che la riceverai e poi non vorrei che ti pensi molto che io sto soffrendo. Spero che Dio sempre mi darà la fortuna come mi ha dato sempre finora.

Sto molto contento che hai ricevuto la lettera del suocero di Giovanni e che voi altri state contenti che lui mi riceverà per bene quando andrò a sua casa in licenza, e già posso assicurarti che andrò verso la fine di febbraio e subito che mi troverò a sua casa ti scriverò. Sono contento anche di sapere che la moglie di Giovanni ha partorito e ha fatto un'altro bel bambino, Rodolfo. Spero un giorno di conoscerlo.

Ieri proprio subito ho scritto al suocero di Giovanni e lo ho fatto sapere che lui c'è un'altro nipotino chiamato Rodolfo e credo che lui sarà contentissimo di sentire questa notizia come spero. [tratto cancellato, presumibilmente censurato].

Dici a Almerinda che da molto tempo non posso più rivedere Costantino per chiedere la sua fotografia e mandarla, perché ora lui si trova col suo reggo al Trentino e io sul Carso.

Ti fo' sapere che anche ieri ho scritto al meccanico come tu mi dici per scrivergli, spero che lui rimarrà contento.

In quanto alle lire 40, che mi hai detto in un'altra lettera che il meccanico mi ha mandato, fino oggi non la ho ricevuta.

Scrivo un poco male la caligrafia, perché ho le mani molto freddi, perché sono 4 giorni che sta sempre a nevicare e c'è più di mezzo metro per terra, cosa che l'anno scorso non è successo, figurati come si soffre di freddo. Non mi resta altro da dirti, per ora mi darai tanti baci e abbracci ai miei fratelli con le loro famiglie, caldi baci a Luigino e Almerinda, tanti saluti al vecchio.

Saluti a chi ti scrive le lettere, saluti a tutti il vicinato e tutti i miei compagni e chi domanda di me.

Ti invio i più caldi baci e abbracci e sono il tuo sempre affezionatissimo figlio Americo Orlando. Scrivimi sempre. Addio.

Fonte: ROSSI, Mirian Silva. *Mia cara mamma: Lettere dal fronte*. Pescara: Stampa Linea Blu, 2007. p. 34 e 35.

CARTA 6: 31 de abril de 1916 (*sic*), Americo Orlando para Eleonora Scioli, do fronte (Itália) para São Paulo (Brasil).

Dal fronte, 31 aprile 1916

Carissima mamma

Non puoi figurare che gioia ho avuto oggi di ricevere una tua lettera colla data del 27-3-916, specialmente di sentire che godi di buona e ottima salute e che hai ricevuto la mia fotografia molto contenta di rivedermi almeno alla carta per ora, in appresso se Dio vuole mi rivedrai in persona. Allora quando ricevere l'altra mia fotografia corpo intero sarai più contenta, quanto più in appresso manderò altre mie fotografie.

Dunque cara madre mi dici che ritorna molti soldati all'improvviso, ma io non mi posso fare capire come hanno fatto ritornare oppure credo che hanno disertato. Io cara madre non posso ritornare se la guerra non finisce, speriamo a Dio che finirà presto, così potrei ritornare al tuo seno per poterti riabbracciarti dopo tanti mesi lontano da te, perché io disertare mai lo farò. Tradire l'Italia sarà un vigliacco come hanno fatto vari soldati. Io invece no, meglio morire e non tradire i tre collori. Dunque cara madre datti coraggio che hai un figlio che si trova a difendere i diritti e la libertà dei suoi fratelli che si trovano al gioco straniero.

Mi parli di Santina che fa l'amore con un altro, questo sarà il piacere mio, tu bene mi conosce cara madre. Si ho fatto l'amore è estato sempre per divertirmi e non perché voglio sposarmi, anzi il mio pensiero se non arrivo ai 40 anni non mi sposerò. Eppure ho fatto l'amore con una giovanetta di Guardiagrele, ma già la ho lasciata.

Dunque ti fo' sapere che io godo magnifica salute e sempre allegro, piuttosto alle volte prendo una sbornia di marsala.

Come ho detto alle altre lettere la pasqua sono passata benissimo con Costantino. Spero che l'altra lo farò assieme a voi. Aspetto le fotografie di Luigino e di Almerinda. In quanto ai giornali ho ricevuto solo uno fino adesso. Non ho altro da dirti per ora, mi dai tanti saluti ai miei fratelli con le loro famiglie, abbraccio di cuore a Luigino e Almerinda, saluti e abbracci al vecchio, tanti ringraziamento alla signora Antonietta che ti scrive le lettere, saluti a tutta la famiglia, tanti saluti a tutti i vicini e tutti i miei amici e chi domanda di me. Mandi saluti al meccanico e tutti i lavoratori della 'A Applatea'.

*Ricevi mille baci e abbracci di tuo e sempre adorato figlio
Americo Orlando*

Fonte: ROSSI, Mirian Silva. *Mia cara mamma: Lettere dal fronte*. Pescara: Stampa Linea Blu, 2007. p. 48.

CARTA 7: 15 de maio de 1916, Americo Orlando para Almerinda Orlando, do campo de batalha (Itália) para São Paulo (Brasil).

Dal campo di battaglia, 15 maggio 1916

Cara sorella

Non puoi immaginare che felicità ho avuto ieri sera di ricevere la tua amabile cartolina con la bella espressione dei nostri soldati di fanteria italiana nelle trincee a lato la bella bandiera tricolore. Sono molto contento che tutta la nostra cara famiglia gode magnifica salute, lo stesso ti assicuro di me sempre grasso e contento qui nelle trincee.

Mi dispiace di non corrisponderti con una bella cartolina per trovarmi in linea di combattimento e non si può comperare.

Proprio questa sera abbiamo avuto un forte contrattacco nemico, nel quale volevano ad ogni costo penetrare nelle nostre trincee, ma sono stati ribattuti sempre da noi con i nostri fucili e bombe a mano che gli abbiamo tirato e la nostra meravigliosa artiglieria faceva fuoco da tutte le parti e sono stati battuti con grandi perdite umane. Abbiamo ottenuto la vittoria senza nemmeno un ferito mentre gli austriaci, centinaia di morti giacevano a terra. Alla nostra sinistra da Monfalcone i nostri valorosi compagni hanno difeso una nostra trincea che gli austriaci con grande sforzo come formiche stavano avanzando per occuparla, quasi già in pericolo perché la forza era poca. I nostri soldati che la difendeva si sono lanciati con la baionetta e hanno fatto retrocedere il nemico con terribili perdite che hanno sofferto i barbari austriaci, e la posizione è sempre stata mantenuta, abbiamo fatto molti prigionieri. Qui per noi è un divertimento vedere gli austriaci saltare per aria a pezzi dai nostri colpi di cannone che esplodono nelle loro trincee.

Spero che Dio mi dà la felicità di tornare un giorno valoroso presso la nostra famiglia per raccontare i molti episodi che ho preso parte e ti dico che è un vero romanzo che nessuno crederebbe se conterci.

Non ho niente da dirti in questo momento, "saudades" a tutta la fami-

glia e a tutti quelli che domandano di me.

Ricevi mille baci e abbracci da tuo fratello di fanteria italiana.

Americo Orlando

Dici a nostra madre se può mandarmi 25 pacchetti di sigarette, delle quali 10 di 'Delizioso', 5 'Olga', 5 'Yolanda' e 5 'esterinha japonesa'. Mandarmela in una cassetta ben coperta con una stoffa cucita sopra, con il mio indirizzo scritto sopra la stoffa con inchiostro che non si cancella e dichiara di fianco all'indirizzo scritto sulla stessa stoffa 'Contiene sigarette' che riceverò. Ho molta "saudades" di fumare un po' di sigarette pauliste dopo tanto tempo. Ti prego di non dimenticarti. Mandami insieme un portsigarette. Spero di avere la felicità di ricevere le sigarette alla fine di luglio. Mandi il pacco assicurato per non perdersi.

Saluti e abbracci a nostra madre e padre.

Americo

Fonte: ROSSI, Mirian Silva. *Mia cara mamma: Lettere dal fronte*. Pescara: Stampa Linea Blu, 2007. p. 51 e 52.

CARTA 8: 10 de setembro de 1916, Americo Orlando para Eleonora Scioli, da Zona de Guerra (Itália) para São Paulo (Brasil).

Zona di guerra, 10 settembre 1916

Carissima e adorata madre, non puoi figurare che grande gioia e contentezza ho avuto oggi a raggiungere il mio reggto e i miei compagni di avermi conservato una grande quantità di lettere e cartoline, circa 60, che ci vogliono 3 giorni per leggere tutte queste lettere.

Dunque queste lettere sono arrivati al regimento mentre mi trovavo all'ospedale, ieri ho sortito completamente guarito e con magnifica e buona salute. Non puoi figurarti come sono contento di avere ricevuto due tue lettere e la figura di "Nossa Senhora da Penha", una lettera di Almerinda, una lettera e una cartolina del Teatro Municipale di Luigino, 4 cartoline illustrate, una di Chiquinho, una di Lola, una di Annita e una di Iolanda, due lettere di Giulio d'Imperio, una lettera di mio fratello Giovanni con l'indirizzo di suo suocero e del figlio di Scatamacchia, una cartolina del mio amico Ricardo Cipolla e tante altre lettere dei miei compagni che stanno a varie reggto. Per rispondere a tutte queste lettere bisogna scrivere tutti i giorni per 15 giorni di continuo.

La tua prima lettera colla data del 7-7-916, sono molto contento che stiano tutti bene di salute e ti ringrazio tanto che mi hai mandato la figura della "Nossa Senhora da Penha". In quanto alle sigarette credo che hanno venuto indietro perché non me le hanno fatte ricevere perciò cara madre stai tranquilla, sarà lo stesso per me come se le avessi ricevute. Lo fumerà Luigino se è tornato indietro, non le spedisce più perché non me le fanno ricevere. Cara madre in una tua lettera mi hai mandato l'indirizzo di Donatelli Michele, per dire la verità non mi ricordo di questo nome, fammi sapere, figlio di chi è? In tutto caso gli scriverò in questi giorni e saprò chi è.

Ti ringrazio tanto che preghi per me e che hai fiducia a Dio di rivedermi un giorno fra le tue braccia vittorioso, come noi tutti lo speriamo.

L'altra tua cara lettera porta la data del 24-7-916, sono rimasto molto contento di avere ricevuto questo giorno 2 mie lettere e di essere contenta di ricevere mie notizie ogni settimana. In quanto alla moneta, le lire 25 già ti ho mandato a dire a varie lettere che le ho ricevute e anche la fotografia di Luigino. Costantino mi ha scritto e sta bene di salute e manda tanti saluti a tutti di famiglia il più a Almerinda. Suo fratello Vicenzino che si trova a Tripoli mi ha scritto e sta bene di salute e manda tanti saluti a tutti voi altri.

Riguardo a quella moneta che ho mandato a chiedere per il mese di novembre, un poco a ciascuno come ho mandato a dire in 2 o 3 lettere, spero di riceverla verso il 5 o il 6 di novembre.

Tutte queste lettere che ho ricevuto farò la risposta a tutte, a Almerinda, a Luigino, a Giovanni, ai figli di Peppino, a Giulio d'Imperio gli scrivo proprio oggi, domani scriverò a Giovanni e ai miei nipotini. Per oggi cara madre non mi resta altro da dirti in questa presente, mi dai tanti saluti ai miei fratelli,

cognate, nipoti e mio padre. Tanti saluti alla signora Antonietta con suo marito e figli, saluti a Nicolino Russo coi suoi genitori, saluti ai vicini, ai miei compagni e amici e tutti chi domanda di me. Oggi ho scritto al suocero di Giovanni e al figlio di Scatamacchia, non appena riceverò la risposta ti scriverò. Ho mandato tuoi saluti a tua sorella Giovannina.

Ricevi mille baci e abbracci di tuo affezionatissimo figlio
Americo Orlando

Mandami salutare il meccanico.
"Saudade" e ricordi.

CARTA 9: 3 de outubro de 1916, Americo Orlando para Eleonora Scioli, da Zona de Guerra (Itália) para São Paulo (Brasil).

Dalla zona di guerra, 3 ottobre 1916

Carissima mamma

Dopo tanti giorni che non ti scrivo, per avermi mancato la carta e per trovarmi in prima linea di combattimento, ora ti scrivo dandoti le mie buone nuove dello mio ottimo stato, buona e magnifica salute e sempre forte.

Giorni fa ho ricevuto la cara fotografia di Almerinda e non faccio altro di sempre ammirarla di contentezza di vedere che lei diventò una bela giovane, e spero un giorno di rivederla. Anche io ho ricevuto la sua lettera e ho avuto molto piacere di sentire che stanno tutti bene di salute, solo che ho pianto di sentire che sei stata ammalata colla "Pucha-Pucha", al medesimo tempo mi sono tranquillizzato che ti sei rimasta solo un poco male, e spero che quando ricevere la presente sia già guarita. Mia cara madre sto molto in pensiero riguardo alla tua salute, fammi sapere il più presto possibile se ti hai guarito completamente perché cara madre, se ritorno in Brasile è solo per te, e per nessun'altro. Figurati se sarò disgraziato a non trovarti al mio ritorno, l'único per me è la morte che mi consolerà a venire trovarti all'altro mondo. Spero che Dio mi farà la grazia di ritornare presto per poter abbracciarti e essere perdonato della trascuratezza che ho comesso di abbandonarti senza avvisarti.

Cara madre stai contenta e tranquilla, che la fine di questa guerra non sarà a lungo colla vittoria come lo speriamo e hai fiducia che la "Nossa Senhora da Penha" mi farà la grazia di tornare a abbracciarti dopo tanto soffrimento che ho corso, non per la guerra, ma già come ti ho scritto una volta.

Dunque non ti dispiace tutto è passato, Dio mi provvederà per il futuro. Dai parenti non so più che fare, l'único come spero è ricevere la risposta di una lettera che ho scritto al suocero di Giovanni dicendogli se è contento che io vado a passare la licenza che mi daranno fra breve e che io mi trovo senza ricorsi. Dunque già sono più di 15 giorni che aspetto questa risposta.

Non mi resta per ora altro da dirti, saluti e baci ai miei fratelli con le loro famiglie, baci e abbracci a Luigino e Almerinda, saluti ai vicini, saluti al vecchio e chi domanda di me.

*Ricevi mille caldi baci e abbracci dal tuo adorato e indimenticabile figlio
Americo Orlando*

Fonte: ROSSI, Mirian Silva. *Mia cara mamma: Lettere dal fronte*. Pescara: Stampa Linea Blu, 2007. p. 73.

CARTA 10: 6 de outubro de 1916, Americo Orlando para Eleonora Scioli, da Zona de Guerra (Itália) para São Paulo (Brasil).

Zona di guerra, 6 ottobre 1916

Cara mamma

Non puoi figurare la gioia e la consolazione al ricevere tua amata lettera assieme con quella di Almerinda, contenendo la bella fotografia a medaglione di Luigino che mi sembra di vederlo naturale in carne e osso e di sentire che ti sei ristabilita della malattia che hai sofferto un mese e mezzo. Mi sono molto tranquillizzato di sentire questa consolazione e anche che tutti si trovano bene, così ti assicuro di me sempre in ottimo stato di salute.

Ho anche ricevuto una lettera di un mio amico di S. Paolo che mi dà le buone notizie di voi altri. Al medesimo giorno ho ricevuto una lettera del suocero di Giovanni a quale ti invio con la presente per leggerla. Già che il suocero di Giovanni è contento che io vado in casa sua passare la licenza e che mi riceve bene, questo è il mio piacere. Andrò da lui invece di andare ai parenti. In quanto alla moneta che ti ho mandato a chiedere, mandi quello che puoi e se ti fai bisogno per finire a guarire la malattia, fai di meno di mandarmela. Come dici Almerinda nella sua lettera che hai stato molto tempo ammalata e che hai speso assai moneta per guarirti, non ti pensi, trati prima della tua salute e poi pensi a me, che la "Nossa Senhora da Penha" mi aiuterà sempre.

Cara madre puoi reclamare che le sigarette non le ho ricevute e non mi le faranno ricevere. Se è arrivato con l'altro indirizzo lo riceverò, stai tranquilla sarà il medesimo per me come se le avessi ricevute, lo fumerà per me Luigino. La moneta come ti ho scritto a tante lettere, già la ho ricevuta, tante grazie della tua buona volontà.

Cara madre quando avrò tempo ti scriverò di nuovo, anche scriverò a Almerinda e a Luigino e a Giovanni, perciò termino salutanto tutti i miei fratelli con le loro famiglie, baci e abbracci a Luigino e a Almerinda, saluti al vecchio e ai vicini e chi domanda di me.

*Ricevi mille baci e abbracci di tuo e sempre amato figlio
Americo Orlando*

*Arrivederci quanto presto.
Addio Addio.*

Fonte: ROSSI, Mirian Silva. *Mia cara mamma: Lettere dal fronte*. Pescara: Stampa Linea Blu, 2007. p. 75

CARTA 11: 30 de maio de 1917, Americo Orlando para Eleonora Scioli, de Li (Itália) para São Paulo (Brasil).

Li, 30 maggio 1917

Carissima madre, non puoi figurare che gioia ho avuto ieri sera di ricevere una tua lettera assicurata colla fotografia di Giovanni nella "pandega" [baldo-ria] nella Antartica con tutta la famiglia e che conteneva anche il documento consolare di S. Paolo, che quando finito questa guerra molto me servirà.

Cara madre molto mi piace che tutti godono buona e magnifica salute, così ti posso assicurare di me sempre venturoso e buone di salute.

Dunque cara madre già sono due mesi che sono ritornato della licenza, ed io e molti miei compagni ancora abbiamo la fortuna di stare lontano dal fronte per formare nuovi reparti, in questo momento la nostra offensiva ha già sferrato, ringrazio a Dio che questa volta non mi ci sono trovato, mentre il mio vecchio reggto. 14° Fanteria il giorno 23 alla notte è andato in linea e alla mattina seguente sferrò l'assalto al nemico sotto gran fuoco di mitragliatrice, fucileria e artiglieria nemica, raggiungendo dopo 4 ore di combattimento la vittoria e facendo migliaia di prigionieri e conquistando forte posizione sul Carso. Puoi figurare che il mio vecchio reggto., per la grande resistenza nemica ha avuto parecchie perdite, ma ha fatto il nemico avere anche le grande perdite che il mio vecchio reggto gli ha inflitto. Sul terreno si vedeva migliaia di cadaveri austriaci e anche qualche nostri raccontandosi i miei compagni feriti che ho andato a trovarli in questa cittadella che sto io all'ospedale. Questa battaglia è stata la più grande fino a oggi che l'Italia ha impegnato, risultando vittoriosa delle nostre arme. Io per me non mi sono stato in quel terribile momento, che già so bene che cosa è il bombar-

damento di migliaia di cannoni che fa spavento solo dal rumore e fragore e figurati quando lo sentiamo scoppiare pochi metri vicino che manda migliaia di pezzi di acciaio da tutte le parte. Ringrazio a Dio che mi ha dato la fortuna di questa volta non fare trovarmi in questa grande battaglia del mese di maggio, specialmente il giorno 24 che il 14° Fanteria si lanciava contro il nemico.

È vero cara madre che mi trovo impaziente per la lunga lontananza senza conforto in questo momento che si tratta della vita o della morte, ma che fare, ho voluto io volontariamente, non dovrei lagnarmi ma bene lo devi capire ero ragazzo non sapevo che facevo, ora che sono uomo capisco bene all'avventura che mi sono mescolato, ho fatto molto torto di avere sacrificato brutalmente voi altri che senza il mio aiuto soffrite, ma che fare, spero sempre che Dio ti aiuterà perché il medesimo dovrà riconoscere che io ho sacrificato la famiglia per il diritto e civiltà e per un giorno tutto il mondo vivere bene, così il Signore dovrà perdonarmi.

Ah!... cara madre è inutile questo foglio del console per farmi congedare, per richiamarmi. Puoi dire che hai bisogno di me, ma se la guerra non finisce non mi potranno mai congedare nemmeno sua maestà il Re potrà mandarmi a casa, poi sono figlio di italiano e ho il dovere come uno che è nato in Italia a fare il soldato, perciò è tutto inutile qualunque foglio se la guerra non finisce. Dunque cara madre datti coraggio che solo Dio potrà fare il miracolo di un giorno abbracciarti per sempre e di fare finire questa guerra che fa soffrire tante e tante madri.

Ieri proprio ho ricevuto una lettera del suocero di Giovanni nella quale mi ha mandato a dire che ha ricevuto una lettera di sua figlia Luisa con il gruppo nella fotografia, come quella che mi hai mandato. Lui e tutti di famiglia mandano tanti saluti a tutti in generale.

Dunque quando mi scrivi, mandatelo direttamente al suocero di Giovanni che lui è molto contento di farmi questo piacere, perché il mio indirizzo non ce l'ho stato, le lettere che già mi hai spedito col vecchio indirizzo stai pur sicura che le riceverò.

Dunque fammi sapere se hai ricevuto e anche mia cognata Antonia la mia ultima fotografia che ho spedito il 12 maggio.

Come va Maria la moglie di Cesarino e Giulia che mai ne sento parlare, forse staranno in colera che non gli scrivo.

Non mi resta altro a dirti, tanti saluti e baci ai miei fratelli con le loro famiglie, saluti e baci a mio padre, a Luigino e Almerinda.

Saluti a parte a chi ti scrive e famiglia. Mi darai saluti a tutti del vicinato e ai miei compagni e amici.

Ricevi tanti baci e molti abbracci dal tuo e sempre affezionatissimo figlio che non si dimentica

Americo Orlando

Fonte: ROSSI, Mirian Silva. *Mia cara mamma: Lettere dal fronte*. Pescara: Stampa Linea Blu, 2007. p. 103 e 104.

ANEXO B – ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA FINAL DE CURSO DE GRADUAÇÃO



Universidade de Brasília



50 1962
2012

*Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História*

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA FINAL DE CURSO DE GRADUAÇÃO – 101419

2º/2015

No dia primeiro de dezembro de 2015, às 16h30, na Sala de Projetos Especiais do Departamento de História, a Banca Examinadora que assina presente Ata examinou o trabalho da aluna MARCELLE FÉLIX DE SOUZA LISBOA COSTA, matrícula 09/0124162, que defendeu a monografia intitulada "A GRANDE GUERRA E A MEMÓRIA DO COMBATENTE ITALIANO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO EPISTOLÁRIO DE AMERICO ORLANDO (1915-1917)".

Exposto o trabalho, realizadas as arguições e respectivas respostas, a Banca decidiu-se pela:

() aprovação com menção SS.

() Reprovação com menção _____.

Solicita-se o lançamento da menção obtida e o arquivamento desta.

Brasília, 1 de dezembro de 2015.


Prof. Dr. Thiago Tremonte de Lemos
(Orientador)


Prof. Dr. Francisco Fernando Monteoliva Doratioto


Prof. Dr. Antônio José Barbosa

O aluno deverá entregar na secretaria do Departamento de História, uma cópia digital da monografia e preencher o formulário "TERMO DE AUTORIZAÇÃO", para encaminharmos a BCE.